

mediEVI

Series of the Società Internazionale per lo Studio del Medioevo Latino
Editor: Agostino Paravicini Bagliani

Advisory Board

Stefano Brufani, Carmen Cardelle de Hartmann, Paolo Chiesa,
Claudio Ciociola, Giuseppe Cremascoli, Michael Lapidge,
Lino Leonardi, José Martínez Gázquez, Nicola Morato,
Lucia Pinelli, Francesco Santi, Jean-Yves Tilliette

WISIGOTHICA
AFTER M. C. DÍAZ Y DÍAZ

edited by
Carmen Codoñer and Paulo Farmhouse Alberto



FIRENZE
SISMEL · EDIZIONI DEL GALUZZO
2014

Volume publicado com um contributo
do Centro de Estudos Clássicos
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
com o apoio de
FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

SISMEL · Edizioni del Galluzzo
via Montebello, 7 · I-50123 Firenze
tel. +39.055.237.45.37 fax +39.055.239.92.93
galluzzo@sismel.it · order@sismel.it
www.sismel.it · www.mirabileweb.it

ISBN 978-88-8450-543-9
© 2014 - SISMEL · Edizioni del Galluzzo

Arnaldo do Espírito Santo

CASSIANO NA HISPÂNIA SUEVO-VISIGÓTICA:
AS FORMAS DE TRANSMISSÃO TEXTUAL, HIPÓTESES E SUGESTÕES
A PARTIR DA ANÁLISE INTERNA DO TEXTO

Estudiosos e editores de Cassiano dão vulgarmente como ponto assente que a sua obra foi escrita em datas relativamente bem definidas, após a sua chegada a Marselha. Com pequenas diferenças de pormenor aceita-se a cronologia proposta por Petschenig que se resume no seguinte: as *Instituições* são anteriores às *Colações* e foram escritas entre 419 e 429; enquanto escrevia as *Instituições*, Cassiano planeava e, talvez, redigia as *Colações*; a primeira parte das *Colações* começou a ser redigida após o ano de 419 e foi editada cerca de 426; a segunda parte foi começada antes de 426, e a terceira parte após 426 mas antes de 429¹. Esta cronologia assenta em dados internos do texto que não vem a propósito referir, senão apenas que as *Instituições* remetem várias vezes para as *Colações* como obra a ser editada e já planificada, enquanto as *Colações* remetem para as *Instituições* como obra já definitivamente concluída e supostamente editada. A imagem que daqui se depreende é que Cassiano foi essencialmente um monge escritor, solicitado no último decénio da sua vida a recordar por escrito a memória da sua experiência monástica em terras do Oriente. Assim teriam surgido primeiro as *Instituições* e depois as *Colações*, umas e outras concebidas como um todo coeso e bem estruturado.

Ora é precisamente a coesão das referências internas, pouco consentânea com uma exposição difusa em demasia, que nos leva a pôr o problema da sua veracidade. Ou seja: será que uma tal coerência, tão acentuada, corresponde a uma redação planificada dos textos em causa? Ou, pelo contrário, representará apenas uma tentativa de dar unidade aparente a conjuntos dispersos produzidos à medida das necessidades impostas pela condução de comunidades monásticas recém-fundadas?

1. Cf. *Iohannis Cassiani de Institutis coenobiorum et de octo principalium vitiorum remediis libri XII, de Incarnatione domini contra Nestorium libri VII*. Recensuit et commentario crítico instruxit Michael Petschenig, Pragae-Vindobonae-Lipsiae, 1888 (CSEL, 17, 1), pp. x-xi.

Visigothica. After M. C. Díaz y Díaz. Edited by C. Codoñer and P. E. Alberto, Firenze, SISMEL - Edizioni del Galluzzo, 2014.

É sabido que a formação espiritual das comunidades cenobíticas se baseava nas práticas periódicas proferidas pelo pai espiritual do mosteiro para toda a comunidade. Nenhuma directiva ou tradição levava o responsável do cenóbio a seguir um plano predeterminado na sequência dos assuntos a abordar. Apenas algumas linhas condutoras o podiam orientar: a formação ascético-mística dos monges, a referência paradigmática ao modelo bíblico, a vivência do mistério cristão, o aperfeiçoamento interior, a luta contra os vícios, a conquista das virtudes, tudo para se chegar aos cumes da contemplação através da caridade perfeita. Neste quadro tão pouco definido, o pai espiritual do mosteiro desenvolvia as suas conversas ou palestras (*collationes*) um pouco ao sabor da sua vivência pessoal e das necessidades das almas que dirigia.

A obra de Cassiano, apesar do sistema cruzado das remissões de uns capítulos para os outros, é, frequentemente e com razão, tachada de repetitiva e desordenada na exposição dos temas. Serão estas características compatíveis com a imagem dada pela coesão das referências internas, que apontam para uma planificação extraordinariamente elaborada de toda a concepção da obra monástica de Cassiano?

O que pretendemos insinuar com estas interrogações é que tal contradição deixa de existir se considerarmos a obra de Cassiano como resultado da actividade vulgar de direcção espiritual, concretizada em ensinamentos proporcionados à comunidade, para sua edificação, em palestras sucessivas. Apesar da divisão em *Instituições* e *Colações*, forma de organização que se deve provavelmente à fase de síntese e redacção definitiva de uma série de práticas espirituais proferidas ao longo da actividade do seu autor como fundador e superior monástico, há indícios que pressupõem uma versão primitiva em textos avulsos e independentes susceptíveis de chegar ao conhecimento das entidades religiosas que solicitaram a sua publicação definitiva.

Para fundamentar esta hipótese são escassos ou até nulos os testemunhos incontestáveis que podemos invocar.

É um lugar comum entre os antigos afirmarem que a motivação principal da sua escrita foi uma ordem ou um pedido vindo da parte de alguém a quem se deve obediência ou alta consideração. No caso das *Instituições* é Castor, bispo de Apt, que pede e ordena² a Cassiano, *elinguem et pauperem sermone atque scientia*³, que ponha por escrito, ainda que em estilo canhestro⁴ os usos e costumes que se observavam nos mosteiros do Egipto e da

2. *Inst. praef.* 3: «...poscis praecipisque...».

3. *Inst.* *ibid.*

4. *Inst.* *ibid.*: «...quamuis imperito digeram stilo...».

Palestina. A resposta de Cassiano, por entre protestos de obediência e confissões de humildade, não passa de um tópico literário bem conhecido neste tipo de situações. O que no meio de tudo não deixa de ser sintomático é que Cassiano confessa que estes ensinamentos que vai transmitir os recebeu *collatione ingi spiritalium uirorum*⁵. Atrevemo-nos a acrescentar que foi igualmente assim que ele os transmitiu antes da publicação definitiva da sua obra. E depois desta alusão ao modo de transmissão corrente da doutrina espiritual, logo refere as obras que S. Basílio e S. Jerónimo escreveram sobre esta matéria. E novamente nos atrevemos a acrescentar que esta referência é um indício de que Cassiano se serviu destes e doutros autores na preparação das palestras que fazia aos seus monges.

Por conseguinte, não obstante o carácter tópico das afirmações de Cassiano no prefácio das *Instituições*, podemos vislumbrar nelas alguma correspondência com a realidade. É muito provável que Castor tenha tido conhecimento da primeira redacção das palestras de Cassiano. Algumas dessas conferências espirituais terão extravasado para fora do ambiente em que foram proferidas. Castor, Leôncio, Heládio, Honorato, Euquério, Joviniano, Minérvio e Teodoro, simples monges ou bispos, invocados nos prefácios da obra de Cassiano como instigadores da escrita ou apenas seus destinatários, são nomes que não podemos deixar de incluir no número daqueles a quem a célere fama transmitiu a doutrina do abade de S. Víctor de Marselha. Isto explicaria que o Bispo de Apt, desejoso de instaurar na sua diocese a vida monástica fundada na já sedimentada experiência do Egipto e da Palestina, tenha ordenado a Cassiano que reduzisse a escrito, numa obra coerente, as palestras que proferira e talvez rascunhara para os seus monges.

Há ainda um outro indício que pode ser interpretado no mesmo sentido. Alguns testemunhos da tradição hispânica das obras de Cassiano apontam para formas de transmissão intermédias entre uma fase inicial de que apenas restam indicações pouco concludentes e uma fase a que chamaríamos terminal. Pela nossa parte procuraremos conjugar todos esses indícios com os dados obtidos da análise do vocabulário das referências internas da própria obra. Com isso pretendemos iluminar um pouco mais alguns pontos obscuros da problemática que acabámos de esboçar.

A análise que se segue tem, pois, por objectivo dilucidar duas questões. A primeira é saber em que medida as referências de Cassiano à sua própria obra ou a partes dela podem contribuir para a reconstituição da história das formas da sua transmissão primitiva, do suporte físico do texto e da sua organização material. Alguns dos manuscritos mais antigos de que dispomos apontam para uma divisão do texto em *Instituições* 1-4, *Institui-*

5. *Inst. praef.* 5.

ções 5-12, *Colações* 1-10, *Colações* 11-17 e *Colações* 18-24. Mas como todos eles se apresentam sob a forma de códice nem sequer se tem encarado a hipótese de o original ter sido primitivamente difundido sob a forma de unidades menores em volumes separados. Os elementos que o texto de Cassiano nos proporciona não são decisivos nem conclusivos, quando considerados isoladamente. Quando, porém, são acareados entre si, permitem tirar, da sua mútua interferência, algumas ilações. Por tal motivo, mantendo embora um plano de análise estruturado sucessivamente em torno das referências a *Conl.* 18-24, *Conl.* 11-17, *Conl.* 1-10, *Inst.* 1-4 e *Inst.* 5-12, torna-se por vezes necessário entrecortar a exposição com pesquisas marginais sobre o sentido que um determinado termo pode assumir nos vários contextos em que aparece. A análise comparativa dos termos *codex*, *uolumen*, *liber*, *libellus*, *opus*, *opusculum*, por exemplo, levantam questões que, se nem sempre obtêm respostas definitivas, têm pelo menos o mérito de abrir novas perspectivas de reflexão.

Não ignoramos que o séc. V é, por excelência, a época da vitória do *codex* sobre o *uolumen*. E no entanto *uolumen* é um dos termos preferidos por Cassiano para se referir a unidades individualizadas da sua própria obra. Nunca *codex*. Perante isto, ou admitimos que em Cassiano a confusão do vocabulário é total ou consideramos seriamente a possibilidade de o autógrafo que lhe saiu das mãos estar dividido em vários *uolumina*. Se é difícil defender com testemunhos a segunda alternativa, a primeira, como veremos, afigura-se-nos ainda mais insustentável. E diga-se desde já que para a história da transmissão e da recepção do texto não é indiferente que a forma do original e do arquétipo seja a de um *codex* agupando várias unidades ou a de *uolumina* formando unidades independentes.

A segunda questão que esta análise pretende dilucidar é saber que ramo da tradição manuscrita está subjacente nas referências à obra de Cassiano que se encontram em documentos peninsulares do séc. X: se um ramo já evoluído do séc. IX-X que juntava num só códice a primeira e a segunda parte das *Instituições*, ou se um ramo mais primitivo que as repartia por dois manuscritos independentes que assim se mantiveram ou que só ocasionalmente foram unidos num só códice. Se a resposta encontrada for na linha da primeira alternativa, então poderemos ter um indício não despreciando para fazer remontar muito atrás, provavelmente ao séc. VII, alguns dos manuscritos contidos nas referências documentais do séc. X.

Em suma, pôr os dados obtidos do estudo das auto-referências em confronto com os dados fornecidos pela documentação hispânica do séc. X pode permitir-nos entrever a forma que tinha o texto de Cassiano manuseado por S. Martinho, por Pascásio de Dume e pelos seus contemporâneos.

1. REFERÊNCIAS A *CONL.* 18-24

O último conjunto das *Colações*, livros 18-24, é mencionado como tal quatro vezes ao longo da obra de Cassiano: uma vez no prefácio do conjunto constituído pelos livros 11-17, duas vezes no prefácio que precede imediatamente o conjunto 18-24 e uma vez no corpo do primeiro livro desta última série.

Duas dessas referências⁶ servem-se dos termos *praecepta seniorum atque instituta* e *institutis studiisque sanctorum* para definir ou resumir, para quem começa a leitura, o essencial do conteúdo. Embora *Instituta* seja o termo utilizado para intitular a primeira obra de Cassiano, os *Instituta Coenobiorum*⁷, aqui aplica-se, como termo genérico, às *Colações*, onde, por oposição às *Instituições Cenobíticas*, se trata dos *Anachoretarum Instituta sublimia*⁸.

Digno de nota é o ponto da obra em que são feitas essas referências. Duas delas no prefácio que precede todo o conjunto instituem-no como unidade autónoma, formalmente autónoma, para que este conjunto de sete *Colações* não seja confundido pelo leitor inadvertido com um outro conjunto, também de sete, a saber, o que é formado pelos livros 11-17. Cassiano, como os seus contemporâneos⁹, procurava, no prefácio de cada uma das suas obras, apresentar resumidamente a sua estrutura interna, no intuito de indicar, quando necessário, a sequência dos livros e evitar, portanto, que eles se dispersassem ou assumissem outra configuração. Tal precaução parece pressupor que os vários livros do conjunto *Conl.* 18-24, muito embora constituindo uma unidade formal, corriam o risco de dispersão, por estarem materialmente repartidos por mais que um volume. Assim teremos que entender *uoluminibus* do passo *auctores conlationum cum ipsis conlationum uoluminibus*¹⁰ se não no seu sentido etimológico e autêntico de *rolos* pelo menos no de unidade de valor materialmente autónoma, correspondente ao tamanho médio de um rolo de papiro¹¹.

Mas se cada *colação* deste conjunto constituía um *uolumen* independente, seria de esperar que Cassiano no início de cada uma delas desse indicações precisas sobre a ordem que ocupavam dentro do conjunto. De facto, porém, essas precauções foram tomadas em relação à primeira e à segunda

6. *Conl.* 18 Pr. 3 e *Conl.* 18, 1, 3.

7. Cf. por exemplo *Conl.* 11, Pr. 2.

8. *Conl.* 1, Pr. 3 e *Conl.* 2, 10, 1.

9. É bem conhecido o caso de S. Jerónimo, por exemplo.

10. *Conl.* 18 Pr. 3.

11. Cf. A.-G. Hamman, *L'épopée du livre, du scribe à l'imprimerie*, Paris, Perrin, 1985, pp. 48-49.

parte das *Instituições* e ao conjunto formado pelas *Colações* 11-17, mas não em relação aos conjuntos 1-10 e 18-24.

É certo que no prefácio a todo o conjunto 18-24, e também no início da primeira das sete *Colações* que o constituem, fica bem claro que a primeira colação abre uma nova série e que o seu autor é o abade *Piamun*¹². E como se essa indicação não bastasse, Cassiano reitera na parte final da primeira conferência:

Hac beatus Piamun desiderium nostrum, quo de primis coenobii scolis ad secundum anachoreseos gradum tendere coeperamus, disputatione ardentius inflamauit¹³.

Mas logo na segunda colação não se estabelecem quaisquer conexões formais com a anterior, embora se indique no início o autor e o assunto de que vai tratar:

ut scilicet abbatis Iohannis, qui derelicta heremo illi se coenobio summa humilitatis uirtute subdiderat, proferamus eloquia¹⁴.

As palavras com que encerra — *Hoc abbas Iohannes (...) conlationem fine conclusit*¹⁵ — funcionam como um *explicit* que vem ainda mais acentuar a individualidade de cada colação, de modo nenhum concorrendo para explicitar os laços que unem cada uma das unidades do conjunto. Na terceira colação começa-se igualmente por anunciar o autor e o tema: «Praeclari ac singularis uiri abbatis Pinufii de fine paenitentiae praecepta dicturus (...)»¹⁶. E, tal como nas *Colações* anteriores, encontramos no final uma espécie de *explicit* nas palavras «Huc usque abbas Pinufius de satisfactionis indicio ac paenitentiae fine disseruit»¹⁷. Mas nada que a situe relativamente às anteriores ou às seguintes. Na quarta colação repete-se o mesmo esquema. No princípio anuncia-se o autor: «Priusquam uerba conlationis huiusce habitae cum summo uiro abbate Theona incipiamus euoluere (...)»¹⁸. O anúncio do tema só será feito, neste caso, após uma longa digressão biográfica sobre Teonas: «cur apud eos tanta obseruantia caueretur, ne quis penitus totis Quinquagensimae diebus uel genua in oratione curuaret uel usque ad horam nonam ieiunare praesumeret (...)»¹⁹. Na

12. *Conl.* 18, Pr. 1 e 18, 1, 2.

13. *Conl.* 18, 16, 15.

14. *Conl.* 19, 1, 2.

15. *Conl.* 19, 16, 5.

16. *Conl.* 20, 1, 1.

17. *Conl.* 20, 12, 4.

18. *Conl.* 21, 1, 1.

19. *Conl.* 21, 11.

parte final diz-se que esta colação continuará brevemente numa próxima oportunidade, o mesmo que é dizer que a quarta e a quinta *Colações* são do mesmo autor e formam uma unidade temática sequencial:

tamen quia satisfieri desiderio uestro ad plenum non potest (breue enim quod superest spatium noctis ad indagandam hanc abstrusissimam non sufficiat quaestionem) congruum reor ut interim differatur²⁰.

Como era de esperar, a quinta colação começa por recordar o que tinha sido prometido sete dias antes: «Post dies ferme septem (...) promissae disputationis expectatione suspensi (...)»²¹. No final anuncia-se a sexta conferência com um «ut crastina die, si tamen nulla uis tempestatis obstituerit, flatu prosperi spiritus explorato disputationis uela pandamus»²². No início da sexta conferência, o que era de esperar, chama-se a atenção para o facto de que aqui se retoma o discurso interrompido na noite anterior: «Reuersa luce cum ad perscrutandum abyssum apostolicae quaestionis summa a nobis senex compelleretur instantia (...)»²³. Mas o que realmente fica assegurado com estas menções remissivas é a ordem relativa das três *Colações* do abade Teonas, não a ordem absoluta que ocupam dentro desta série de sete. Finalmente a última colação é claramente assinalada como fecho não apenas desta série mas ainda das três séries: «Quarta atque uicensima ista conlatio abbatis Abraham Christo fauente procuditur, omnium seniorum traditiones atque statuta concludens»²⁴. A fórmula «Quarta atque uicensima ista conlatio procuditur», que faz lembrar uma outra idêntica — «Quintus nobis liber iste procuditur»²⁵ — pode criar a ilusão de que as vinte e quatro *Colações* foram concebidas como um todo desde o início. Para desfazer esta ilusão basta recordar o passo de *Conl.* 16, 1, — «Beatus Ioseph (...) unus e tribus quorum in prima conlatione fecimus mentionem» — onde «in prima conlatione» se refere de facto, não à primeira colação de todo o conjunto das vinte e quatro conferências, mas sim à primeira do segundo conjunto 11-17, o que por si mesmo significa que Cassiano nunca concebeu as *Colações* como um todo unitário, mas sim como uma obra dividida em partes, em que cada colação era numerada dentro de cada uma das partes sem referência às unidades constituídas pelas *Colações* das outras partes.

20. *Conl.* 21, 36, 2.

21. *Conl.* 22, 1, 1.

22. *Conl.* 22, 16.

23. *Conl.* 23, 1, 1.

24. *Conl.* 24, 1, 1.

25. *Inst.* 5, 1.

A análise que acabamos de fazer torna claro que o terceiro conjunto das *Colações* não dispõe de um sistema interno de referências remissivas que tornem possível salvaguardar a ordem de cada uma delas dentro do conjunto. Como vimos, apenas as *Colações* do Abade Teonas (vigésima primeira, vigésima segunda e vigésima terceira, ou seja, quarta, quinta e sexta desta série) poderiam conservar a sequência relativa, mas nenhuma precaução impedia que pudessem surgir como a segunda, terceira ou quarta desta série. É certo que a colação décima oitava (primeira desta série) tem o seu lugar assegurado, bem como a última. Mas quanto à segunda e à terceira nada impedia que assumissem outra sequência. Cassiano não se preocupou com a ordem de leitura de um conjunto de conferências que não primam pela unidade temática. Deste grupo, à excepção das *Colações* do Abade Teonas, ligadas pela unidade de autor, cada colação forma uma unidade completamente independente sem progressão temática significativa.

A referência ao conjunto *Conl.* 18-24, exterior a ele, fala de «septem aliae conlationes quae ad sanctos qui in Stoechadibus consistunt insulis emitendae sunt fratres (...)»²⁶. É claro que com uma referência deste género, inserida no prefácio ao conjunto formado pelos livros 11-17, se pretende levar ao conhecimento do leitor a próxima publicação de um outro conjunto que estava a ser preparado e já, por certo, em fase avançada, diríamos até que já estaria provisoriamente redigido, apoiando tal hipótese na indicação precisa do seu número, *septem*. À falta de outros meios, era assim que os antigos faziam publicidade aos seus escritos.

2. REFERÊNCIAS A *CONL.* 11-17

As referências ao conjunto *Conl.* 11-17 são, globalmente, do mesmo teor. Mas ao contrário do que sucede com o conjunto 18-24, o sistema de referências internas do conjunto 11-17 é de uma solidez inabalável. Logo no prefácio Cassiano define em termos muito exactos a composição deste conjunto: «trium in alia heremo consistentium quos primos uidimus patrum septem conlationes (...)»²⁷. Este grupo, embora o segundo na ordem da escrita, pretende ser uma exposição dos ensinamentos colhidos junto dos primeiros ascetas que Cassiano encontrou ao chegar ao Egipto.

Na primeira colação deste conjunto, após uma breve *loci descriptio*, Cassiano apresenta o autor, o abade Quéremon²⁸. Ao concluir a exposição des-

26. *Conl.* 11, Pr. 3.

27. *Conl.* 11, Pr. 2.

28. *Conl.* 11, 4, 1-2.

te asceta *de perfectione caritatis*²⁹, anuncia a segunda colação que tratará «de castitatis fine» ou «de castitatis perfectione»³⁰. Deste modo fica bem claro o nexa entre as duas *Colações*, ligadas entre si pela unidade de autor e pela progressão da matéria. A transição de uma para a outra é assegurada, no começo da segunda colação, por uma fórmula semelhante às que encontramos no conjunto 18-24: «Refectione transacta (...), grata, inquit, est mihi non solum adtonita ad discendum uestrae mentis intentio, sed etiam disciplina propositae quaestionis»³¹. Embora a parte final da segunda colação conclua sem anunciar a terceira, esta liga-se naturalmente à anterior graças a um *memorandum* em que se resume o tema tratado: «quod in praeterita disputatione, cuius uirtus summum desiderium incognitae uobis castitatis infuderat (...)»³². Sobretudo no capítulo segundo, fica bem claro que a terceira colação foi provocada pela segunda:

Quantum excellentissimae, inquit, sublimitate uirtutis, quae nocturna disputatione patefacta est, (...) tantum nobis uidetur absurdum si laborum stipendium, id est perfectio castitatis, quae instantia proprii sudoris, acquiritur, non specialiter laborantis deputetur industriae³³.

As últimas palavras desta colação, que levantou grande celeuma devido a afirmações que os augustinianos consideraram incompatíveis com a doutrina ortodoxa da graça, encerram a série das três conferências do Abade Quéremon, mas, mais uma vez, sem anunciar o conjunto seguinte: «Hoc nos beatus Chaeremon confirmatos cibo laborem fecit tam inuii itineris non sentire»³⁴. Mas logo a quarta colação esclarece que se situa no «itineris ordo»³⁵ previsto e definido no início da série³⁶. Aí se diz, com efeito, que primeiro foi visitado o abade Quéremon (três primeiras *Colações*) e a seguir o abade Nésteros. Cassiano, que revela uma atenção invulgar à clarificação da estrutura, recorda no início da quarta colação: «Sponsionis nostrae et itineris ordo conpellit, ut abbatibus Nesterotis praeclari in omnibus summaeque scientiae uiri institutio subsequatur»³⁷. Assim, não restam dúvidas quanto ao lugar que esta colação ocupa dentro da série. No final anuncia-se a colação seguinte, ao ponto de ficar claramente explícito o assunto que será tratado:

29. *Conl.* 11, 14.

30. *Conl.* 11, 14.

31. *Conl.* 12, 1, 1.

32. *Conl.* 13, 1.

33. *Conl.* 13, 2.

34. *Conl.* 13, 18, 5.

35. *Conl.* 14, 1, 1.

36. *Conl.* 11, Pr. 2; cf. 11, 3, 2.

37. *Conl.* 14, 1, 1.

Quibus autem modis etiam charismata curationum ad expellendos daemones a domino concedantur, consequens est ut simili disputatione pandamus, quam consurgentes ad refectorem in uesperam reseruemus (...)»³⁸.

A quinta colação recomeça no ponto em que a quarta terminara. Se nesta se dizia expressamente que o tema dos carismas ficaria para a hora da refeição, ao cair da tarde, aquela começa por restabelecer o ambiente dizendo: «Post synaxin uespertinam ad promissam narrationem (...) consedimus»³⁹. Logo de seguida, ligando as duas Colações entre si e anunciando de novo o assunto da presente colação, Cassiano volta a insistir: «usque ad spiritualium rationem charismatum proferendam praecedens disputationis ordo peruenerat (...)»⁴⁰. Na parte final, mudando um pouco a técnica de que se servira na passagem da terceira para a quarta Colações (da décima terceira para a décima quarta), mas com igual sentido da eficácia do método, Cassiano conclui a quinta colação (décima quinta) anunciando a sexta (décima sexta):

Huc usque abba Nesteros rationem de uera charismatum operatione consummans nos ad senis Ioseph cellam, (...) properantes doctrinae suae institutione persecutus est⁴¹.

Basta, pois, que a sexta colação comece por mencionar o nome do *Beatus Ioseph*, para ficar assegurada a sua sequência em relação à anterior. É isso que de facto sucede. Embora o final da sexta conclua sem anunciar outra colação, logo o início da sétima nos vem lembrar que a última conferência desta série é ainda da autoria do abade José. Um «praecedente conlatione finita» é mais que suficiente para lhe garantir o lugar que ocupa dentro da série. Cassiano, o que prova o carácter intencional da ligação que estabelece entre as várias Colações, não recorreu, neste caso, a outras informações de pormenor, ao contrário do procedimento adoptado em casos anteriores, em que identificou no início da colação seguinte o tema abordado na colação anterior. Indicações deste género eram supérfluas, neste caso, uma vez que, identificada a ordem das seis primeiras conferências de um conjunto de sete, e, além disso, tendo sido anunciado que as sete conferências eram da autoria dos abades Quéremón, Nésteros e José, é óbvio que a sétima colação não corre o mínimo risco de vir a ocupar outro lugar dentro da série, senão aquele que lhe é devido.

38. *Conl.* 14, 19.

39. *Conl.* 15, 1, 1.

40. *Conl.* 15, 1, 2.

41. *Conl.* 15, 10, 5.

Em suma, Cassiano tomou todas as medidas para que nenhuma colação deste conjunto pudesse vir a assumir outra ordem. De uma estruturação interna tão coesa parece legítimo inferir uma prova complementar de que as Colações 11-17 foram originariamente difundidas em *uolumina* separados.

3. TERMINOLOGIA EDITORIAL DE CASSIANO

O texto de Cassiano fornece-nos ainda outros elementos que o rigor da análise nos convida a perseguir, com tudo o que têm de pouco claro e, às vezes, de contraditório. Numa referência interior ao próprio conjunto *Conl.* 11-17, surge-nos o termo *opuscula*, para designar as sete Colações que o formam: «hoc sane omnes ad quorum manus opuscula ista peruenerint moneo»⁴². A designação demasiado genérica *opuscula ista*, remetendo de certo modo para um conjunto de unidades formais (vários opúsculos ou várias obras), nada permite afirmar sobre a sua organização material. Apenas podemos presumir que, por analogia com o conjunto *Conl.* 18-24, que têm precisamente o mesmo número de Colações, também este conjunto estava repartido por vários corpos independentes, os *uolumina*. Por seu lado, porém, *opusculum* no singular é utilizado por Cassiano para se referir ora a um único livro⁴³, ora a um conjunto de livros. É o caso dos quatro livros formados pelo conjunto *Inst.* 1-4, referido como *opusculum*, no singular, como se depreende do seguinte passo:

Illam sane moderationem opusculo huic interserere praesumam, ut ea, quae (...) impossibilia in his regionibus uel dura uel ardua conprobauero, institutis monasteriorum, quae per Palaestinam uel Mesopotamiam habentur, aliquatenus temperem»⁴⁴.

O que de facto se verifica em *Inst.* 1-4, particularmente no que se refere à regra do jejum e à estrutura do ofício monástico. É inegável, pois, que neste caso *opusculum*, no singular, remete para uma unidade formal com o mesmo sentido em que utilizaríamos hoje a palavra obra. Não se deve, pois, concluir, insistimos, que *opuscula ista*⁴⁵, referido a *Conl.* 11-17, ou

42. *Conl.* 17, 30, 3 (última das colações do conjunto).

43. *Inst.* 4: «illius opusculi noticiam non habentes» (*Conl.* 20, 1, 1) e «animus est opusculo huic intexere» (*Inst.* 4, 32). *Inst.* 5: «factum memorabile opusculo huic inseremus» (*Inst.* 5, 40, 1). *Inst.* 11: «haec idcirco inserere huic opusculo necessarium duxi» (*Inst.* 11, 17, 1).

44. *Inst.* Pr. 9.

45. *Conl.* 17, 30, 3.

«in praeteritis opusculis»⁴⁶, referido a *Conl.* 1-10, designam um conjunto de várias obras autónomas distribuídas por várias unidades materiais. Pelo contrário todas as ocorrências parecem indicar que *opusculum* no plural é sinónimo de livros, qualquer que seja o tipo de agrupamento que os informa.

A análise do termo *opus*, semanticamente equivalente a *opusculum*, aconselha a maior prudência no manuseio destes elementos. Tal como *opusculum*, *opus*, que só aparece no singular, refere-se ora a um único livro em particular⁴⁷, ora a um conjunto de vários livros⁴⁸. Num e noutro caso, *opus* remete para uma unidade formal, sem outras conotações. No primeiro caso é praticamente sinónimo de *liber*, enquanto parte integrante de uma obra; no segundo, tem o sentido genérico de obra.

A terminologia *editorial* usada por Cassiano para se referir à sua própria obra permite, todavia, esclarecer alguns aspectos ambíguos de certas referências. *Volumen* é um desses termos que podem iluminar algumas zonas de um quadro complexamente obscuro.

No seu estudo sobre a técnica do livro em S. Jerónimo, tanto mais significativo quanto incide sobre um contemporâneo de Cassiano, Evaristo Arns diz que «Saint Jérôme emploie le mot *uolumen* surtout pour l'Écriture Sainte»⁴⁹. E logo a seguir acrescenta o mesmo Autor: «Plus significative encore est la préférence de Jérôme pour le terme *uolumen* quand il parle des livres de l'Ancien Testament. La littérature du peuple juif s'était transmise dans les parchemins. Quand on se représentait le livre saint, on s'imaginait aussitôt le grand rouleau, le *uolumen* sur lequel s'étalait l'*Hebraica veritas*»⁵⁰. Citámos este texto porque, *mutatis mutandis*, descreve precisamente o que se passa em Cassiano, como o documentam passos como «sacrorum uoluminum lectioni (...) insistant»⁵¹, «haec igitur omnia (...) sacris inserta uoluminibus legentes»⁵², «spiritum sanctum sacris uolumi-

46. *Conl.* 11, Pr. 2.

47. *Inst.* 2: «uel initia uobis rei praesertim necessariae hoc opere relinquamus» (*Inst.* 2, 9, 2). *Conl.* 19: «nam licet alio operis huius tendat intentio, ut scilicet abbatibus Iohannis (...) proferamus eloquia (...)» (*Conl.* 19, 1, 2).

48. *Inst.* 1-12: «proinde ab exteriori ac uisibili monachorum cultu, quem prioribus digessimus libris, ad inuisibilem interioris hominis habitum transeamus (...) ut quisquis iam superioris operis lectione Iacob illius intelligibilis nomen carnalium uitiorum subplantatione promeruit, nunc etiam (...)» (*Conl.* 1, Pr. 5).

49. E. Arns, *La technique du livre d'après Saint Jérôme*, Paris, 1953, p. 120.

50. Arns, *La technique du livre* cit., p. 121.

51. *Conl.* 14, 16, 4.

52. *Conl.* 7, 21, 7.

nibus indidisse»⁵³. Do contexto depreende-se que *uolumina*, nestes casos, se refere ao Antigo Testamento. Há um caso, porém, em que do mesmo contexto se infere que *uolumina* engloba tanto o Antigo como o Novo Testamento: «de quorum diuersitate perlongum est si uolumus omnia scripturarum *uolumina* (...) percurrere, qui per prophetam onocentauri (...) quiue scorpis in Euangelio nuncupetur, qui princeps huius mundi ab Apostolo (...)»⁵⁴. Tal como em S. Jerónimo, o que nestes passos está presente é o sentido etimológico de *rolo*. Mas quando passamos aos casos concretos em que *uolumen*, no singular e no plural, se refere à obra de Cassiano, os vários matizes semânticos de que o termo se reveste não autorizam afirmações tão categóricas.

Também na pena de S. Jerónimo o já citado Evaristo Arns reconhecia a ambiguidade semântica de *uolumen*:

Par son étymologie, le mot *uolumen* est étroitement lié à la forme du livre que nous appelons "rouleau". *Voluere* et ses composés sont devenus des termes techniques pour la manipulation de cette forme de manuscrit. Pourtant *uolumen* désigne souvent un manuscrit de forme quelconque. On sacrifie facilement le sens technique pour éviter une fâcheuse répétition du mot. Ainsi nous avons rencontré plus d'une douzaine d'exemples où Saint Jérôme utilise tantôt *liber*, tantôt *uolumen* pour désigner le même ouvrage dans un contexte semblable⁵⁵.

É nesta ambiguidade que reside o problema. Que *uolumen* seja tomado por *liber* constitui caução suficiente para que Arns afirme categoricamente que «*uolumen* désigne souvent un manuscrit de forme quelconque». Mas nem por isso devemos simplificar o problema identificando totalmente o significado de *uolumen* com o de *liber*. Aliás, o mesmo Evaristo Arns reconhece que *liber* está ligado à unidade formal, enquanto *uolumen* é uma das formas materiais que qualquer unidade formal pode assumir⁵⁶. Quando Cassiano usa as expressões «uoluminis amplitudine»⁵⁷, «ne (...) modum huius uoluminis excedamus»⁵⁸, «ne castigatum modum *uolumen* excedens»⁵⁹ e «huic uolumini commendare»⁶⁰, poderá estar a pensar, tomando o continente pelo conteúdo, numa unidade formal de sentido lato. Mas

53. *Conl.* 17, 25 9.

54. *Conl.* 7, 32, 4.

55. Arns, *La technique du livre* cit., p. 118.

56. «(...) tandis que *liber* devient une représentation formelle de l'oeuvre, *uolumen* est lié à l'unité matérielle du rouleau» (*La technique du livre* cit., p. 118).

57. *Conl.* 9, 1.

58. *Conl.* 18, 1, 3.

59. *Inst.* 2, 18.

60. *Inst.* 5, 35.

não pode deixar de haver algo no suporte material em que o texto está vertido que sugere a metonímia e a fundamenta, precisamente porque Cassiano o tem entre mãos ao escrever essas expressões. Esse algo que fundamenta a figura de estilo, já lexicalizada, convenhamos, se não é a forma de rolo, pressuposta pela etimologia de *uolumen*, é pelo menos a noção secundária de unidade independente.

Não é decerto aleatório que nem uma só vez o termo *codex* seja usado por Cassiano para se referir à sua própria obra. Tanto mais que *codex* ocorre nos seus escritos nove vezes (*uolumen* onze vezes), mas, em qualquer das ocorrências, ou se refere ao *codex* como objecto de uso, de conteúdo não identificado⁶¹, ou se refere ao Novo Testamento, no caso vertente às Epístolas de S. Paulo⁶². E o mais provável é que mesmo os códices de conteúdo não especificado, sendo de uso pessoal e diário nas mãos de um monge, contivessem textos bíblicos. Em suma, cremos não exagerar se dissermos que no universo linguístico de Cassiano o *codex*, como suporte material do texto, ou do livro, se quisermos, se refere sempre à Bíblia.

Daqui podemos tirar outra ilação importante para a análise que vimos fazendo. Ao contrário do que afirma Evaristo Arns, quando, ao falar do emprego do termo *liber* em S. Jerónimo, diz textualmente que «au IV^e siècle on l'appliquait aussi bien au *uolumen* qu' au *codex*»⁶³, o que se verifica em Cassiano é que *liber*, bem como o seu correspondente *libellus*, nunca substituem o termo *codex*.

O termo *liber* no singular, ocorre nove vezes em Cassiano, duas das quais subentendido nas formas pronominais *illum* e *huius*. Em todos estes casos remete para uma unidade concreta, na qual importa mais sublinhar o conteúdo do que o suporte material em que ele está vertido.

Assim, em «simul etiam prospicientes his, qui forsitan huic tantummodo occursuri libro ad illum peruenire non poterunt, ut instructione

61. «nam nimia deuincti diligentia erga curam (...) codicis» (*Conl.* 4, 21, 2); «codicem suum (...) abscondit» (*Conl.* 18, 15, 3); «adserens sibi codicem de cella furto fuisse sublatum» (*Conl.* 18, 15, 3); «absconditum codicem (...) reppererunt» (*Conl.* 18, 15, 4); «fratre uel codicem ad legendum uel quamlibet aliam ad utendum speciem postulante» (*Conl.* 19, 12, 3); «magnumque sit crimen ex ore monachi procedisse codicem meum» (*Inst.* 4, 13, 1); «nonnulli tanto zelo codicem seruant» (*Conl.* 1, 6, 2).

62. «quo respondente nihil se nec nosse nec praeualere (...) praeter librariam manum, si tamen ullus in Aegypti regione latinum codicem usui esset habiturus» (*Inst.* 5, 39, 2); «non solum uniuersas ei necessitates sub obtentu mercedem totius anni conuexit, uerum etiam membranas et utensilia quae ad scribendum necessaria erant conportans, recepit post codicem scriptum» (*Inst.* 5, 39, 3).

63. *La technique du livre* cit., p. 104.

huius erga orationis qualitem uel ex parte repperiantur inbuti»⁶⁴, *huic libro* e *huius (libri)* referem-se a *Inst.* 2. Em *illum (librum)* está na realidade a doutrina exposta por Cassiano em *Conl.* 9-10, que ele, ao escrever o passo transcrito, pensava poder compendiar num só livro.

Em «de perpetua orationis atque incessabili iugitate quod in secundo institutionum libro promissum est»⁶⁵, temos igualmente uma chamada de atenção para o conteúdo de *Inst.* 2. Em

abbatis Pinufii de fine paenitentiae praecepta dicturus magnam materiae partem mihi uideor amputare, si humilitatis eius laudem, quam in quarto institutionum libro, qui est super instituendis renuntiantibus titulus breui sermone praestrinxit⁶⁶,

tal como em

cum satis ardua atque praecelsa cuidam fratri monasterii regulam subeunti coram omnibus in synaxi fratribus praecepta tradidisset, quae in quarto ut diximus institutionum libro quanta potui breuitate complexus sum⁶⁷,

e ainda em «et quoniam hic liber de institutione est eius qui renuntiat huic mundo»⁶⁸, a presença da expressão «magnam materiae partem», conjuntamente com a reprodução do título em termos tão claros como «qui est super instituendis renuntiantibus titulus e de institutione est eius qui renuntiat huic mundo», permite afirmar, indiscutivelmente, que o aspecto aqui visado sob a designação *liber* é o conteúdo. É evidente que nestes casos *liber* tem um significado específico muito preciso que de modo algum poderia ser veiculado por *uolumen*.

Para não multiplicar as citações ao longo do texto, baste-nos dizer que as observações que acabamos de fazer se aplicam igualmente a uma referência a *Inst.* 5, que reproduzimos em nota⁶⁹. Mesmo no passo:

quae nos non fraternitatis ueriti corpus (...) praeteriuimus, sed ne forte delapsus liber in manus eorum, qui in hoc proposito minus instituti uidentur, patefaciat inexperitis, quae (...) festinantibus culmen perfectionis adtingere debent esse conperta⁷⁰,

64. *Inst.* 2, 9, 3.

65. *Conl.* 9, 1.

66. *Conl.* 20, 1, 1.

67. *Conl.* 20, 2, 2.

68. *Inst.* 4, 23.

69. «Quintus nobis iuuante deo liber iste procluditur. Nam post quattuor libellos qui super institutis monasteriorum digesti sunt, nunc arripere conluctationem aduersus octo principalia uitia uestris orationibus domino confortante disponimus» (*Inst.* 5, 1).

70. *Inst.* 7, 13.

onde a referência ao conteúdo de *Inst.* 7 é menos evidente, e onde em pura teoria *uolumen* podia substituir *liber*, Cassiano preferiu este último termo. É claro que se em vez de dizer «ne forte delapsus liber», dissesse, por hipótese, *ne forte delapsum uolumen*, faria recair a reserva feita no passo citado sobre o conteúdo de todos os livros incluídos nesse *uolumen* e não apenas sobre aquele de que trata o livro sétimo das *Instituições*.

Os resultados desta análise das ocorrências do termo *liber* no singular constituem um argumento válido para desfazer ambiguidades, já que demonstram que *liber*, pelo menos no singular, é apenas usado para designar uma unidade formal de conteúdo, nunca a estrutura material que lhe serve de suporte. No plural, não é possível ser-se tão afirmativo, pois que, em toda a obra de Cassiano, encontramos apenas uma ocorrência:

Proinde ab exteriori ac uisibili monachorum cultu, quem prioribus digessimus libris, ad inuisibilem interioris hominis habitum transeamus, et de canonicarum orationum modo ad illius quam apostolus praecipit orationis perpetuae iugitatem ascendat eloquium, ut quisquis iam superioris operis lectione Iacob illius intellegibilis nomen carnalium uitiorum subplantatione promeruit, nunc etiam non tam mea quam patrum instituta suscipiens diuinae iam puritatis intuitu ad meritum et ut ita dixerim dignitatem transiens Israhelis, quid in hoc quoque perfectionis culmine debeat obseruare similiter instruat⁷¹.

Antes de mais notemos que o que está subjacente neste passo é o conteúdo, ou a mudança de conteúdo, bem evidente nas expressões «de... ad». Mas além disso, não deixa de ser muito significativo que Cassiano retome com «superioris operis» a anterior expressão «prioribus libris». Quer isto dizer que as *Instituições* (I-4 ou I-12, para o caso a diferença de interpretação não é pertinente) são encaradas como uma unidade de conteúdo, um *opus*, formada por várias subunidades, os *libri*.

Apesar dos meandros falaciosos por que vem passando a presente análise e que impedem conclusões simples e absolutas, o panorama geral vai-se definindo aos poucos. Porém, tudo se emaranha quando passamos à análise do termo *libellus*, praticamente sinónimo de *liber*, mas usado em contextos e com conotações menos transparentes. Se no uso de *liber* não encontramos nenhuma alusão à sua extensão material, equivalente a expressões do tipo *uoluminis amplitudine* ou a *modum huius uoluminis*, no uso de *libellus* há dois casos em que a noção de medida, logo de extensão material, lhe anda intimamente associada. Estão neste caso as ocorrências «pro libelli huius compendio»⁷² e «libelli modus»⁷³, ambas referidas a *Inst.* 4-

71. *Concl.* 1, Pr. 5.

72. *Inst.* 4, 23.

73. *Inst.* 4, 30, 1.

Portanto, ao contrário do que acontecia com *liber*, em Cassiano *libellus* alterna com *uolumen* para designar uma unidade material que, nos casos analisados, não excede a extensão de conteúdo ordinariamente designada por *liber*.

Concretizando um pouco mais, podemos afirmar que a análise da distribuição semântica de *liber*, *libellus* e *uolumen* revela que, enquanto *liber* aparece, em alguns casos, acompanhado por um numeral ordinal, mas nunca por um cardinal, *libellus* admite ser determinado por um cardinal, mas nunca por um ordinal, ao passo que *uolumen* nunca surge numericamente determinado nem por um cardinal nem por um ordinal. *Secundo libro, quarto libro, quintus liber*, mas nunca *duo libri*, etc. Pelo contrário, *quattuor libellos, duodecim libellis, singulis libellis, distinctis libellis*, mas nunca *quarto libello*, etc. Para *uolumen* não há uma única referência quantitativa que não seja a da sua extensão mensurável em termos de *amplitudine, modum* ou *castigatum modum*.

Conjugando todas as pequenas ilações que atrás foram feitas, não cremos que se trate de um modismo estilístico meramente aleatório. Pensamos que, pelo contrário, há um significado a atribuir a todas estas diferenças. Começando pelo último termo, se Cassiano escrevesse *quattuor uolumina* corria o risco de ser entendido como querendo dizer quatro rolos ou quatro volumes no sentido moderno. Por isso, quando pretende referir-se a várias unidades consideradas do ponto de vista da sua materialidade, sem especificar se estão ou não divididas, prefere o termo *libellus*. Este, por sua vez, na ambiguidade que, como vimos, o caracteriza, é também utilizado como sinónimo de *liber* para designar uma unidade formal. Assim, quando, usando no mesmo período *uoluminum* e *libellis*, se diz:

Debitum, quod beatissimo papae Castori in eorum uoluminum praefatione promissum est, quae de institutis coenobiorum et de octo principalium uitiorum remediis duodecim libellis domino adiuuante digesta sunt (...) utcumque sarcitum est⁷⁴,

a expressão *duodecim libellis* não representa uma simples procura de *uariatio* para evitar a repetição *uoluminum praefatione / duodecim uoluminibus*, ou *libellorum praefatione / duodecim libellis*. Trata-se, de facto, de uma obra em doze *libelli*, subdividida em dois conjuntos temáticos, englobando o primeiro o *De institutis coenobiorum* e o segundo o *De octo principalium uitiorum remediis*. O facto de que os doze livros estavam divididos em duas unidades temáticas e que por isso corriam o risco de que se viesse a perder o sentido da sua sequência, levou Cassiano a tomar precauções espe-

74. *Concl.* 1, Pr. 1 (referência clara a *Inst.* 1-4 e 1-12).

ciais, fazendo uma advertência no início da segunda unidade, uma espécie de prefácio em forma reduzida, como que dizendo: atenção, este é o início do segundo conjunto que começa no quinto livro – «quintus liber iste procuditur»⁷⁵. Como argumento suplementar, digamos desde já, que, como veremos, há dados da tradição manuscrita que apoiam esta interpretação.

Para mantermos a coerência interna deste estudo, passamos de seguida à análise de todas as ocorrências do termo *libellus* nos seus vários contextos, procurando ser breve e o mais exaustivo que é possível. As conclusões que daí se podem extrair estão, substancialmente, implícitas no que ficou dito nos parágrafos anteriores.

No singular, *libellus* aparece quer como equivalente de *liber* quer como de *uolumen*, referindo-se sempre a um livro em concreto:

A *Inst.* 2: sicut in superiore libello describentes⁷⁶;

A *Inst.* 4: pro libello huius compendio⁷⁷;

coartat nos libelli modus⁷⁸;

hoc libello uobis cupitis iterari⁷⁹;

A *Inst.* 5: libellum ieiuniorum et continentiae tanti uiri claudat sententia⁸⁰;

A *Inst.* 6: et licet ad finem libelli tendat oratio⁸¹;

A *Inst.* 12: in posterioribus libelli huius (...) exsequemur⁸².

Se algo de assinalável há nestes passos é a expressão *in posterioribus libelli huius*. Expressões deste tipo estão totalmente ausentes de *liber* e de *uolumen*. Para fornecer uma localização mais aproximada dentro da obra, como o faz a expressão *in posterioribus*, Cassiano nunca usa senão de *libellus* como determinante. A explicação de tal facto é idêntica à que demos para a ausência de numeral cardinal junto de *uolumen*. Se dissesse, por hipótese, *in posterioribus uoluminis*, estaria a remeter-nos para o fim de um volume, não para o fim de um livro em concreto. Isto é mais uma prova de que, embora *uolumen* possa cobrir uma parte da área semântica de *libellus* e até de *liber*, nunca coincide exactamente com ela.

No plural *libellus* refere-se a conjuntos determinados:

75. Cf. *Inst.* 5, 1. O passo foi citado integralmente na nota 69.

76. *Inst.* 3, 5, 1.

77. *Inst.* 4, 23.

78. *Inst.* 4, 30, 1.

79. *Inst.* 4, 19, 3.

80. *Inst.* 5, 41.

81. *Inst.* 6, 16.

82. *Inst.* 12, 2.

A *Inst.* 1-4: nam post quattuor libellos, qui super institutis monasteriorum digesti sunt⁸³;

A *Inst.* 1-12: nec illa instituta coenobiorum quae duodecim libellis (...) conscripsimus⁸⁴; quae de institutis coenobiorum et de octo principalium uitiorum remediis duodecim libellis (...) digesta sunt⁸⁵; hi libelli quos in praesenti cudere (...) disponimus, ad exterioris hominis obseruantiam et institutionem coenobiorum competentiis aptabuntur⁸⁶;

A *Inst.* 5-12: nec praecedentium uitiorum, quorum in singulis libellis naturam pariter remediaque praemisimus⁸⁷;

A *Inst.* 6-12: de quibus singillatim distinctis libellis suo loco (...) disseremus⁸⁸;

A *Conl.* 1-10: quam si conlationes eius nostris libellis temptauerimus inserere⁸⁹.

Com maior ou menor evidência, em todos estes casos *libellus*, no plural, é sinónimo de *liber*, tal, aliás, como sucedia no singular. Digno de nota é que *libellus*, referido às *Colações*, aparece uma única vez. O facto é compreensível se atendermos a que, para Cassiano, as *Conlationes* são unidades que mais se aproximam do género do diálogo e, portanto, obedecem a outra caracterização formal. *Conlatio*, enquanto divisão formal, está para as *Colações* assim como *libellus* ou *liber* estão para as *Instituições*.

4. REFERÊNCIAS A *CONL.* 1-10

Dissemos já que, ao mesmo tempo que redigia as *Instituições*, provavelmente ao mesmo tempo que se ocupava da sua redacção definitiva, Cassiano acalentava o projecto de passar a escrito as práticas espirituais que ouvira da boca dos padres do deserto durante a sua permanência no Egipto. É até plausível que esse projecto já estivesse em andamento, pelo menos quanto às dez primeiras *Colações*. Com efeito, todas as referências que, ao longo das *Instituições*, são feitas às *Colações*, caem no âmbito do primeiro conjunto. Assim, em «suis in locis, cum seniorum conlationes cooperimus exponere (...) proferemus»⁹⁰, bem como em «quarum pleniorum tractatum licet in conlationes seniorum reseruemus (...)»⁹¹, anuncia-se de

83. *Inst.* 5, 1.

84. *Conl.* 11, Pr. 2

85. *Conl.* 1, Pr. 1.

86. *Inst.* 2, 9, 3.

87. *Inst.* 12, 24.

88. *Inst.* 5, 11, 1.

89. *Conl.* 7, 1.

90. *Inst.* 2, 1, 1.

91. *Inst.* 2, 9, 1.

uma forma ainda vaga a matéria que o abade Isaac há-de tratar nas *Colações* 9-10. Chegado o momento azado, Cassiano, que não se esquecera da promessa feita – indício de que quando redigia definitivamente *Inst.* 2 trabalhava já na preparação de *Conl.* 9-10 – afirma prontamente: «De perpetua orationis atque incessabili iugitate quod in secundo institutionum libro promissum est, conlationes senis huius quem nunc in medium proferemus, id est, abbatís Isaac, domino fauente complebunt»⁹². Nesta fase Cassiano revela uma nítida preferência pela expressão *conlationes seniorum* para servir de título à sua futura obra. Mais duas referências, feitas ainda no âmbito das *Instituições*, vêm confirmar tal suposição: «quarum rerum ratio suo loco in conlationibus seniorum (...) exponetur»⁹³ e «sicut in conlationibus seniorum plenius disputandum est»⁹⁴. Nem a expressão *conlationes senis huius*, equivalente a *conlationes seniorum*, nem o grupo *seniorum conlationes* com a ordem das palavras invertida, infirmam esta hipótese. Quando muito, pode admitir-se que este seria um título genérico que seria atribuído a uma obra de contornos ainda mal definidos e que, na mente de Cassiano, se aplicaria tanto ao primeiro conjunto de dez como à totalidade das vinte e quatro *Colações*. Esta posição parece-nos, no entanto, insustentável, por duas razões. Primeiro, porque as citadas referências caem todas no âmbito das dez *Colações* iniciais. Segundo, porque, como vimos atrás, este conjunto, sempre que é referido como tal, é identificado como uma unidade autónoma.

Das restantes referências a *Conl.* 1-10, e que se servem do termo *conlatio*, há que distinguir as que são feitas enquanto este conjunto estava a ser redigido definitivamente – portanto, as que são feitas no corpo do próprio conjunto – e as que constituem uma remissão genérica para identificar essa obra, enquanto produto já acabado e dado ao conhecimento do público. São as referências do último tipo que, por razões óbvias, nos podem dar uma ideia mais aproximada do título que realmente ostentavam. Mas deixamos para depois a sua análise.

As referências do primeiro tipo, as que se encontram no interior do próprio conjunto, limitam-se a uma designação inexpressiva, de carácter dístico, com ou sem particularização do referente. Em todo o caso é de notar que essas referências, três ao todo, se encontram no prefácio. Assim, em *Conl.* 1 Pr. 2 anunciam-se «has decem conlationes summorum patrum, id est anachoretarum qui in heremo Sciótica morabantur (...)». O objectivo parece ser, mais do que dar um título, identificar um conjunto pelo con-

92. *Conl.* 9, 1.

93. *Inst.* 2, 18, 1.

94. *Inst.* 5, 4, 3.

teúdo e, sobretudo, situar o leitor relativamente à fonte, automaticamente fidedigna, dos ensinamentos que vai ler. E, numa época em que o mundo latino se voltava para o Oriente como fonte do monaquismo autêntico, um tal anúncio era uma boa forma de publicidade. A mesma feição encomiástica do conteúdo está patente em *Conl.* 1 Pr. 6: «hoc sane uolumus ante omnia tam harum conlationum quam superiorum uoluminum prae-monitum esse lectorem, ut si qua forte in his pro status sui et propositi qualitate (...) uel impossibilia putauerit esse uel dura (...) secundum dignitatem (...) loquentium metiatur». Dados mais concretos também não os encontramos no «sed nunc iam ad conlationes eorum et instituta prope-remus» de *Conl.* 1 Pr. 7. O que aqui predomina é a função apelativa do prefácio. Quanto ao título seria desnecessário estar a insistir nele, pois que o leitor tinha a obra entre as suas mãos.

Esta ausência de referências mais concretas, como aquela que encontramos nas *Instituições*, do tipo *este é o quinto livro*, leva-nos a pôr a seguinte questão: será que Cassiano considerava a referência explícita ao número das *Colações* que constituem este conjunto – «has decem conlationes» – suficiente para salvaguardar a transmissão do conjunto como unidade, caso este estivesse repartido por mais do que um *uolumen*? Tendo em conta o começo do quinto livro das *Instituições*, que com muita probabilidade iniciava um novo *uolumen* e no qual Cassiano fez questão de chamar a atenção para o facto, é pelo menos estranho que ao longo das dez primeiras *Colações* não tenha feito uma única referência que permitisse conservar a ordem dos livros, caso estes não formassem um conjunto unitário. É certo que Cassiano tomou algumas precauções nas fórmulas de transição de que se serve para passar da primeira à segunda *colação*, da sétima à oitava e da nona à décima. Mas ainda a este respeito vale a pena considerar os dados em paralelo com o que se passa com a segunda parte das *Instituições*.

Após ter chamado a atenção para o início desta segunda parte, Cassiano não volta a referir-se à ordem que cada livro ocupava dentro dela. Nem era preciso. A sequência dos livros estava assegurada pela distribuição da matéria que é feita no princípio do quinto livro:

nunc arripere conluctationem aduersus octo principalia uitia (...) disponimus, id est primum gastrimargiae, (...) secundum fornicationis, (...) tertium filargyriae, (...) quartum irae, (...) quintum tristitiae, sextum acediae, (...) septimum ceno-doxiae, (...) octauum superbiae⁹⁵.

Tais indicações, uma vez que cada vício corresponde a um livro, seriam suficientes para assegurar que o leitor ou um futuro copista mantivessem

95. *Inst.* 5, 1.

a sequência da leitura ou da cópia, mesmo dando-se o caso de os livros estarem dispersos por vários *uolumina*.

A análise das referências internas explícitas relativamente à sequência das unidades estruturais no interior do primeiro conjunto das *Colações* aponta para uma solução radicalmente distinta. É verdade que a primeira peça do conjunto *Conl.* 1-10 conclui anunciando imediatamente uma segunda colação da autoria do mesmo abade da primeira:

atque ita praecepto senis tandem sumus ad degustationem somni onerosa quiete compositi, tam digestae conlationis inflamati gaudio quam repromissae disputationis expectatione suspensi⁹⁶.

E para que a conexão entre as duas seja evidente, o «repromissae disputationis» do final da primeira é retomado no «repromissam narrationem» do princípio da segunda. Mas como se tal não bastasse, no final da segunda colação Cassiano volta a assinalar que ambas formam um conjunto: «Talibus nos sanctus Moyses geminae institutionis epulis saginavit»⁹⁷. Todavia esta preocupação desaparece da terceira, quarta, quinta e sexta *Colações*, para reaparecer na sétima e na oitava, ligadas entre si pelo mesmo processo que foi utilizado na passagem da primeira para a segunda: «reuersi post synaxin ea, quae dominus ad instructionem communem pro desiderio uestro largitus fuerit, duplicato gaudio conferemus»⁹⁸ – final da sétima – e «reuersi ad cellam senis refecti primum lautissime sumus (...) qua refectione transacta repromissam quaestionis absolutio-nem cum reoscere coepissemus»⁹⁹ – princípio da oitava. É ainda o mesmo expediente que se utiliza entre a nona e a décima. Logo no começo da nona anunciam-se as «conlationes senis huius quem nunc in medium proferemus, id est abbatis Isaac»¹⁰⁰. O final, como de costume, remete para a colação seguinte: «primoque diluculo sub placito plenioris tractatus iterum reuersuri, ad nostra discessimus»¹⁰¹. E como de costume também, o princípio da décima, após uma digressão sobre a controvérsia antropomorfitá, retoma o discurso articulando entre si as duas *Colações*: «super quare ualde permoti nec non etiam praeteritae conlationis uirtute adhuc in nostris cordibus insidente ad abbatem Isaac rediuimus»¹⁰².

96. *Conl.* 1, 23, 5.

97. *Conl.* 2, 26, 4.

98. *Conl.* 7, 34, 2.

99. *Conl.* 8, 1, 1-2.

100. *Conl.* 9, 1.

101. *Conl.* 9, 36, 3.

102. *Conl.* 10, 3, 5.

Estes elementos têm evidentemente a função de contribuir para a composição de tempo e lugar, *topos* obrigatório deste género literário. Contribuem também para assegurar a unidade de três grupos de conferências, cada um dos quais é atribuído a um mesmo abade. Pode-se até dizer que as duas conferências do Abade Moisés, graças ao prefácio que as precede, têm garantida a sua posição no início do conjunto. Mas, em última análise, a ordem dos outros dois grupos, e muito mais ainda a ordem da terceira, quarta, quinta e sexta, podia ser alterada sem que nenhuma referência interna advertisse do erro.

Há um passo de cuja interpretação depende em grande parte a validade da argumentação atrás desenvolvida. Embora esse passo já aqui tenha sido referido parcialmente, voltamos a citá-lo para o analisarmos na integridade do seu contexto:

De perpetua orationis atque incessabili iugitate quod in secundo institutionum libro promissum est, conlationes senis huius quem nunc in medium proferemus, id est, abbatis Isaac, domino fauente complebunt. quibus explicatis et praecipis beatissimae memoriae papae Castoris et desiderio uestro, o beatissime papa Leonti et sancte frater Helladi, satisfacisse me credo, uoluminis amplitudine primitus excusata, quae studentibus nobis non solum sermone succinto narranda praestringere, sed etiam plurima silentio praeterire in maiorem modum quam disposueramus extensa est. praemissa namque super diuersis institutis disputatione copiosa, quam nos studio breuitatis resecare maluimus, haec ad extremum beatus Isaac intulit uerba¹⁰³.

O essencial da questão é saber se a expressão «uoluminis amplitudine», do que Cassiano pede desculpa, se refere ao livro que vai começar, isto é, à nona colação, ou às oito *Colações* precedentes que, acrescidas das duas *Colações* que faltam para perfazer o número de dez prometido no prefácio, vão resultar num *uolumen* de tamanho apreciável. O facto de as formas verbais «disposueramus» e «extensa est» se encontrarem no passado não vem dirimir a questão indiscutivelmente a favor da segunda hipótese. Pois logo a seguir o perfeito «maluimus», sem sombra de dúvida, refere-se a cortes incisivos na matéria da nona colação, o que é um argumento em favor da primeira hipótese. O perfeito «maluimus» explica-se, aliás, ou porque Cassiano tinha em mente o momento da leitura em relação ao qual o momento da escrita era efectivamente passado, ou porque o momento da decisão de excluir parte da matéria era psicologicamente passado em relação ao momento real da escrita. Para o caso tanto faz, visto que, pelo contexto, «quam nos studio breuitatis resecare maluimus» se refere sem dúvida a uma parte da matéria da colação do abade Isaac, que Cassiano se vê

103. *Conl.* 9, 1.

na necessidade de amputar. Por esta ordem de ideias, o mais provável é que «*quae studentibus nobis non solum sermone succinto narranda praestringere, sed etiam plurima silentio praeterire in maiorem modum quam disposueramus extensa est*» se refira apenas à nona colação. Mas se quanto a «*maluimus*» há razões plausíveis que explicam o uso do perfeito, quanto a «*disposueramus*» e a «*extensa est*», defendendo-se a hipótese de que se referem à nona colação, não deixa de ser bizarro que Cassiano peça desculpa pelo tamanho desse livro antes de o ter concluído, e, mais ainda, logo na introdução. A conclusão que se impõe é que o pedido de desculpa de Cassiano foi escrito após a redacção de todo o livro nono e inserida no momento em que passava à forma definitiva o texto já redigido. E isto apesar de que numa edição moderna a nona colação ocupa o mesmo número de páginas que a sétima – umas trinta e duas páginas – e apenas mais duas que a primeira – umas trinta páginas. E em nenhum destes casos Cassiano pede desculpa por ir além das vinte e sete páginas das *Colações* segunda, terceira ou quinta. Apesar disso, a conclusão mais provável é que «*uoluminis amplitudine*» não se aplica ao conjunto já nesse momento redigido das primeiras oito *Colações* e que viria ainda a ser acrescido de mais duas, mas sim à nona colação.

Além destas referências, insertas no corpo do próprio conjunto, há ainda as que lhe são exteriores. Após, como diríamos hoje, a edição do primeiro conjunto de *Colações*, quando redigia o prefácio do segundo, e posteriormente o do terceiro, Cassiano volta a referir-se a *Conl.* 1-10, mas servindo-se agora de outra designação, a de *decem conlationes patrum*: «*decem conlationes Sciotica heremo commorantium patrum, quas praecipientibus sanctis Helladio et Leontio episcopis utcumque digessimus*»¹⁰⁴ e «*emissis iuuante gratia Christi decem conlationibus patrum, quae exigentibus beatissimis episcopis Helladio ac Leontio utcumque digesta sunt*»¹⁰⁵. É nestes termos que é identificada a obra. Quando era apenas um projecto em vias de execução, Cassiano designara-o apenas com o termo genérico de *conlationes seniorum*. Agora o seu título aparece definido com mais precisão e parece ser o de *conlationes patrum*. Num dos casos especifica-se de que *patrum* se trata: «*Sciotica in heremo commorantium*». Nos dois casos diz-se que foram dois bispos que solicitaram a escrita da obra. Mera convenção literária com grande futuro, mas que constitui mais um elemento de identificação. O sentido e as próprias palavras das duas citações anteriores coincidem a tal ponto que levam a pensar que estarão muito próximas do título original: *decem conlationes patrum* / *decem conlationibus patrum*;

104. *Conl.* 11, Pt. 2.
105. *Conl.* 18 Pt. 1.

quas praecipientibus sanctis Helladio et Leontio episcopis / quae exigentibus beatissimis episcopis Helladio ac Leontio; utcumque digessimus / utcumque digestae sunt. Se o título original não era *Decem conlationes patrum*, foi pelo menos esta a designação de que Cassiano se serviu para identificar a sua obra depois de dada ao conhecimento público. E é assim que são identificadas por S. Frutuoso de Braga: «*Decem [collationes] quas [Cassianus] Helladio et Leontio episcopis (...) se asserit edidisse*»¹⁰⁶.

5. ARGUMENTOS EXTERIORES AO TEXTO

Todos os argumentos até agora apresentados a favor da teoria da difusão primitiva do texto de cada uma das *Colações* em volumes separados resultam da análise interna do texto. Os testemunhos exteriores, que poderiam confirmar esta teoria são compreensivelmente escassos, atendendo a que numa época muito próxima de Cassiano as *Colações* foram compiladas em três grandes conjuntos, um de dez e dois de sete *Colações*, segundo, aliás, as indicações dadas por Cassiano ao longo da sua obra. Só mais tarde as três séries foram agrupadas de molde a formarem um só corpo. Se da segunda e terceira fases por que tem passado a apresentação exterior do texto abundam os testemunhos, da primeira fase temos que nos contentar com escassos resíduos e testemunhos indirectos e interpretá-los à luz dos indícios internos do texto. Fique desde já esclarecido que esses resíduos se referem apenas ao conjunto formado pelas dez primeiras *Colações*.

Consideramos um testemunho inequívoco da primeira fase da organização do texto o códice *Vaticano* 560 da Biblioteca Palatina (séc. VIII-IX), que contém apenas as *Colações* 3-5 e 7-10, faltando-lhe, portanto, a primeira, a segunda e a sexta. Não havia nenhuma razão evidente, nem teológica nem doutrinária, que levasse o copista ou o responsável pela cópia a eliminar essas três conferências se elas constassem do modelo utilizado. Além disso, se a eliminação fosse voluntária, não se justificava a alteração do número de ordem das *Colações* incluídas, o que de facto sucedeu, tal como se lê no fólho que precede todo este conjunto incompleto:

I Collatio pafnutii de tribus abrenuntiationibus. II Collatio abbatis danielis de concupiscentia carnis ac spiritus. III Collatio abbatis serapionis de octo principalibus uitiiis. IIII Collatio abbatis sereni de animae mobilitate et spiritalibus nequitiiis. V Item eiusdem de principalibus nequitiiis. VI Collatio abbatis Isaac de oratione. VII Item eiusdem de oratione (...)»¹⁰⁷.

106. H. Flórez, *España Sagrada*, Madrid, vol. 30, p. 385.

107. Citado por Petschenig, *Iohannis Cassiani cit.*, pp. XXXVII-XXXVIII.

Faltam, pois, as duas primeiras *Colações*, ambas do abade Moisés, e a sexta, do abade Teodoro. E o que é mais significativo, insistimos, é que as que restam assumem uma numeração seguida, como que a indicar que as que faltam nunca estiveram no horizonte do copista. Estes factos sugerem que um antepassado do *Vaticano 560* representava uma compilação incompleta das dez primeiras *Colações* e que remonta a uma fase em que elas corriam em corpos separados.

No mesmo sentido terá que ser interpretada a existência da tradução para grego de um epítome latino das *Colações*. Ora no catálogo dos manuscritos gregos da Biblioteca de Viena elaborado por Nessel, existem dois códices, o *Theol. 104 chart.* e o *101 membr.*, que contêm uma selecção do conjunto 1-10, designada por «epítome septem priorum collationum», mas que não correspondem às mesmas sete que constam do *Vaticano 560*. Enquanto, como referimos, este códice omite a primeira, a segunda e a sexta *Colações*, os dois Vienenses omitem a oitava, a nona e a décima. Quer isto dizer que o organizador da compilação que serviu de base ao epítome, que por sua vez foi utilizado pelo tradutor grego, não dispunha de todas as *Colações* da primeira série, o que mais uma vez apoia a teoria da sua primitiva difusão em unidades separadas.

Finalmente, outro testemunho interessante vem-nos ainda do mundo grego do séc. IX. Fócio, que faleceu cerca de 890, dá-nos conhecimento, na sua Biblioteca¹⁰⁸ da existência de três livros (*bibliarion*), um dos quais continha os quatro primeiros livros das *Instituições*, o outro os oito restantes livros e ainda outro três *Colações* de Cassiano. A primeira das *Colações* deste *livrinho* ensinava, segundo Fócio, o que é a *discretio*¹⁰⁹; a segunda dissertava sobre a *destinatio* e o *finis* da vida ascética¹¹⁰; a terceira apresentava um princípio de doutrina sobre a luta contra os demónios¹¹¹.

Estas três *Colações* referidas por Fócio correspondem às *Colações* II, I e VII, precisamente por esta ordem. Neste caso é evidente que além da compilação conter apenas três das dez *Colações* do primeiro conjunto, a ordem da primeira está alterada com a da segunda. Impõe-se-nos aqui a mesma ilação que vimos repetindo: as *Colações*, numa determinada fase, circulavam em corpos separados e corriam o risco de se dispersarem e de, quan-

108. Ed. de Imm. Bekker, pp. 160-1. Passo indicado por Petschenig, *Iohannis Cassiani* cit., p. xcvi.

109. διδάσκει δὲ τί ἐστὶ διάκρισις.

110. καὶ τίς ὁ σκόπος καὶ τί τὸ τέλος τῶν ἐντοῖς ἀσκητικαῖς ἀγῶσιν ἐξεταζόμενων.

111. εἴτα Σεργῆνον οὐ δεύτερον τῇ πολιτείᾳ καὶ τῇ ὁμοίᾳ χρόμενον διδασκαλίᾳ παριστάνει, ὡς τὸ μὲν παρενοχλεῖσθαι τὴν διάνοιαν ὑπὸ τῶν δαιμονίων ἀδύνατον εἶναι.

do compiladas, poderem perder a ordem em que foram escritas, se é essa aquela que corresponde à dos nossos manuscritos. Não deixa de ser sintomático que precisamente duas *Colações* que faltam no *Vaticano 560* (a primeira e a segunda) apareçam no terceiro livro manejado por Fócio. Assim se confirma, por via indirecta, que a eliminação das duas primeiras *Colações* do *Vaticano 560* se deve a outros motivos que não à selecção voluntária do responsável do *scriptorium* onde foi copiado o seu antepassado.

6. REFERÊNCIAS ÀS «INSTITUIÇÕES»

Variadas e complexas são as referências feitas por Cassiano à sua primeira obra. Nas páginas anteriores tivemos oportunidade de chamar a atenção para os dados fundamentais do problema. Inclusivamente adiantámos algumas propostas em torno da divisão dessa obra em duas partes, constituídas, por um lado, pelos livros 1-4 e, por outro lado, pelos livros 5-12. A análise que se segue pretende aprofundar esta questão, matizando com novas achegas afirmações que então não vinha a propósito desenvolver. Apesar de tudo subsistem algumas dúvidas na interpretação de determinadas referências. Estamos, porém, convencidos de que essas dúvidas não existiam para quem lia Cassiano na forma que os seus textos assumiam quando por ele foram divulgados. O que sucedeu foi que o sentido dessas referências se foi obscurecendo à medida que, ao longo do processo de transmissão, a forma exterior do texto foi variando até se chegar ao agrupamento de toda a obra monástica num só corpo, o mesmo que é dizer num só códice. Entre esta fase terminal de um processo e a fase inicial situam-se soluções intermédias que nos podem ajudar a esclarecer a forma de recepção do texto, concretamente, em meios monásticos peninsulares dos reinos suevo e visigótico.

Partimos pois em busca da reconstituição de uma forma de suporte do texto hoje desconhecida e provavelmente desaparecida para sempre. Passa-se o mesmo que quando a partir das lições variantes de vários manuscritos se pretende reconstituir o texto do arquétipo desaparecido. Só que aqui o nosso objectivo não é reconstituir um texto mas apenas a forma exterior em que foi sucessivamente divulgado. Para o fazermos, apoiamo-nos em referências interiores ao próprio texto, nem sempre indiscutivelmente claras, o que envolve um certo risco de interpretação.

As referências às *Instituições* são de quatro tipos: referências à totalidade do conjunto 1-12 (onze); referências à totalidade do subconjunto 1-4 (seis); referências à totalidade do subconjunto 5-12 (cinco); referências a

elementos individualizados do subconjunto 1-4 (22¹¹²); referências a elementos individualizados do subconjunto 5-12 (22¹¹³).

Mas, além destas referências que não sofrem qualquer dúvida, há ainda onze com uma margem de ambiguidade significativa na atribuição do referente. Se é absolutamente certo, pelo contexto, que *operis* no primeiro prefácio das *Colações*¹¹⁴ se refere à totalidade do conjunto *Inst.* 1-12, não é imediatamente nítido se *opere*¹¹⁵ se refere a *Inst.* 2, a *Inst.* 1-4, ou a *Inst.* 1-12. Pela via da análise comparativa as referências de interpretação variável inclinar-se-ão num ou noutro sentido, o que necessariamente provocará uma ligeira alteração nos números apresentados. Para já, considerando os dados tal qual, temos um total de setenta e sete referências, onze das quais, cerca de um décimo, sofrem de ambiguidade na atribuição do referente. As áreas semânticas que cobrem são as de *opus* (um caso), *opusculum* (cinco casos), *uolumen* (dois casos) e *institutiones* (três casos). Os quadros que remetemos para apêndice proporcionam uma imagem visual mais imediatamente apreensível de quanto acabamos de expor.

A primeira ilação que se tira desse acervo de referências é que as *Instituições* formam, na mente de Cassiano, uma obra, portanto um todo¹¹⁶, cujas partes estão ligadas entre si mais pelos objectivos que pretendem atingir do que pela unidade temática que as constitui¹¹⁷. Esse todo está dividido em doze livros¹¹⁸. Tal é a visão que Cassiano nos dá das *Instituições* depois de as ter concluído e divulgado.

Como é natural todas as referências que faz ao conjunto 1-12 no decurso da sua redacção apenas mencionam vagamente o título, espécie de indicador global e pouco adequado dos assuntos tratados¹¹⁹. Nesta fase tam-

112. Duas referências ao prefácio; duas referências ao livro primeiro; quatro referências aos livros segundo e terceiro considerados como um todo temático; quatro referências ao livro segundo; uma referência ao livro terceiro; nove referências ao livro quarto.

113. Quatro referências ao livro quinto; uma referência ao conjunto dos livros seis a doze; três referências ao livro sexto; três referências ao livro sétimo; duas referências ao livro oitavo; duas referências ao livro nono; duas referências ao livro décimo; duas referências ao livro undécimo; três referências ao livro duodécimo.

114. *Conl.* 1, Pr. 5.

115. *Inst.* 2, 9, 2.

116. Cf. *Conl.* 1, Pr. 5.

117. O objectivo de todo o conjunto das *Instituições* é definido por Cassiano em termos meramente ascéticos e de observância monástica, como se depreende das repetidas afirmações do estilo «ad exterioris hominis obseruantiam et institutionem coenobiorum» (*Inst.* 2, 9, 3).

118. Cf. *Conl.* 1, Pr. 1 e 11, Pr. 2.

119. Com efeito, *instituta monasteriorum* (*Inst.* Pr. 3), além de ser utilizado para

bém não existe qualquer indicação do número de livros. As referências com a indicação precisa de doze livros são feitas depois de a obra estar concluída, nos prefácios ao primeiro e ao segundo conjunto das *Colações*. Provavelmente cada um desses doze livros formava uma unidade independente com a dimensão de um rolo de papiro de tamanho médio, a tal ponto que *liber*, *libellus* e *uolumen* são algumas vezes usados como termos equivalentes. Assim, «superiorum uoluminum»¹²⁰ e «prioribus libris»¹²¹ remetem exactamente para o mesmo referente que «duodecim libellis»¹²² e «superioris operis»¹²³. Nesta primeira fase da sua divulgação as *Instituições*, apesar de constituírem um *opus*, estariam divididas por doze unidades formal e materialmente autónomas, os *libelli*, *libri* ou *uolumina*¹²⁴.

Do que não há dúvida é que no período compreendido entre finais do séc. V e finais do séc. VII as *Instituições* foram difundidas em dois corpos autónomos. O critério seguido pelos copistas ou pelos responsáveis dos *scriptoria* estava implícito no próprio texto de Cassiano. Na verdade, quando Cassiano se refere às *Instituições* pelo seu título, o conjunto 1-12 surge imediatamente dividido em duas unidades temáticas bem diferenciadas. De um lado está o primeiro subconjunto, identificado por expressões como «super institutis monasteriorum»¹²⁵, «de institutis ac regulis monasteriorum»¹²⁶, «de institutis coenobiorum»¹²⁷, repartido em «quattuor libellos»¹²⁸. Do outro lado estão os oito livros restantes, tantos quanto os vícios analisados («quorum in singulis libellis naturam praemisimus»¹²⁹), cujo título se adivinha nas expressões «octo principalia uitia»¹³⁰, «de inpugnationum ui atque ordine uitiorum»¹³¹, «principalium uitiorum origines et causas curationesque»¹³², «de octo principalium uitiorum remediis»¹³³.

designar apenas, e com mais propriedade, o subconjunto 1-4, dificilmente se pode considerar o mais indicado para englobar o segundo subconjunto 5-12.

120. *Conl.* 1, Pr. 6.

121. *Conl.* 1, Pr. 5.

122. *Conl.* 1, Pr. 1.

123. *Conl.* 1, Pr. 5.

124. A.-G. Hamman chegou a conclusões idênticas em relação a S. Clemente de Alexandria, Eusébio e S. Agostinho. Cf. *L'épopée du livre* cit., pp. 48-9.

125. *Inst.* 5, 1.

126. *Inst.* 1, 1, 1.

127. *Conl.* 1, Pr. 1.

128. *Inst.* 5, 1.

129. *Inst.* 12, 24.

130. *Inst.* 5, 1.

131. *Inst.* 11, 17, 1.

132. *Inst.* Pr. 7.

133. *Conl.* 1, Pr. 1.

Assim se exprimiam Cassiano e assim o entenderam os responsáveis pelo agrupamento do texto em dois corpos. Qual seria o título exacto de cada um deles, é difícil dizê-lo, pois que desta fase restam-nos apenas dois testemunhos directos para o segundo corpo, nenhum para o primeiro¹³⁴. Um desses testemunhos, o *Casinense* 295, é um palimpsesto do séc. VI *ex.*, onde no séc. XI foram escritas as epístolas de S. Jerónimo por cima dos oito últimos livros das *Instituições*, cujo texto foi possível recuperar em parte, mas não o título. O outro, o *Augustodunense* 24 (S 28), é um códice do séc. VII, mutilado, a que faltam, além de outros, os dois primeiros fólhos. Podemos no entanto aventar que não andaria muito longe de uma das expressões de Cassiano acima citadas ou do subtítulo da tradução dos *Apophthegmata patrum* de Pascásio de Dume: *De octo principalibus uitiis*¹³⁵.

A transmissão das *Instituições* de Cassiano constitui um caso típico bem sucedido do processo por que passaram a maioria dos textos antigos. É evidente que nem todos, ou mesmo nenhuns, eram revestidos pela forma exterior em que se apresentam nos volumosos códices medievais, alguns séculos posteriores à primitiva forma. Não raramente a passagem da primeira para a segunda fase foi acompanhada de alterações de toda a espécie na sequência dos livros dentro da obra. Tal, porém, não aconteceu com as *Instituições* de Cassiano, nem podia acontecer. Impediu-o a rede de referências de que está semeada toda a obra, como provam os quadros apresentados em apêndice.

Como já tivemos ocasião de referir, os quatro primeiros livros estão identificados por um título que, embora variável, mantém dois elementos constantes, *instituta e monasterium* ou *coenobium*. Uma outra referência vem indicar com mais precisão que esse título cobre os quatro primeiros livros. Além disso duas dessas referências estão estrategicamente colocadas, uma na abertura de todo o subconjunto 1-4, a outra no princípio do subconjunto 5-12, desempenhando a mesma função que um *incipit* e um *explicit*.

134. A partir do séc. VII/VIII não existem testemunhos desta forma de difusão das *Instituições*. Antes desta data, porém, essa seria a forma mais vulgarizada. Veja-se o que a este propósito diz Petschenig: «Casinensem ex eorum codicum numero fuisse existimo qui tantum libros octo de capitalibus uitiis continebant. quibus etiam Augustodunensis (...) adnumerandus est» (*Iohannis Cassiani de Institutis Coenobiorum* cit., p. xvii).

135. Este é um primeiro indício da presença e da influência de Cassiano em terras hispânicas, o qual, na expressão de D. Manuel Díaz y Díaz, foi «uno de los maestros indiscutibles del monacato visigótico» (*Códices Visigóticos en la Monarquía Leonesa*, León, 1983, p. 201). Para o texto de Pascásio de Dume veja-se José Galdes Freire, *A Versão Latina de Pascásio de Dume dos Apophthegmata Patrum*, Coimbra, 1971, tomo I, pp. 159-340.

com a vantagem de que, fazendo parte integrante do texto, dificilmente seriam omitidas de uma cópia para outra.

Igualmente cerrada é a indicação da sequência dos livros. Logo no princípio do primeiro livro depara-se-nos uma referência que desempenha o papel de título, «ex ipso habitu monachorum»¹³⁶. No livro segundo, este mesmo título reaparece sob a forma «de habitu et amictu exterioris hominis»¹³⁷.

Os dois livros que se seguem, segundo e terceiro, são referidos por três vezes ao longo do livro segundo como uma unidade temática indissociável. Quem quer que, inadvertidamente começasse a leitura pelo livro segundo, ficava a saber que havia um primeiro livro «de habitu et amictu exterioris hominis», a que se seguiam dois livros que se ocupavam do «modus canonicarum orationum psalmodiarumque»¹³⁸. Mas para que não houvesse possibilidade de enganos, o livro terceiro começa por chamar a atenção para o facto de que há um livro, o precedente, que trata «de nocturno orationum et psalmodiarum modo»¹³⁹. O mesmo procedimento observa Cassiano no livro quarto, que logo no início chama a atenção para o livro terceiro: «de canonico modo orationum atque psalmodiarum qui debeat in diurnis conuentibus per monasteria custodiri»¹⁴⁰.

O livro quarto é o mais bafejado de referências. Só referências internas são umas seis. Uma delas começa por sublinhar a transição «de canonico modo orationum (livro terceiro) ad institutionem eius qui renuntiat huic mundo»¹⁴¹ (livro quarto). Esta última referência é de facto um título que há-de ser repetido *ipsis uerbis* uns capítulos à frente¹⁴², ou com outras palavras em «super instituendis renuntiantibus»¹⁴³. Não deixa de ser significativo que duas dessas referências internas aludam ao volume do livro¹⁴⁴, que numa edição moderna preenche mais do dobro das páginas do que qualquer dos livros anteriores.

A passagem do livro quarto para o quinto está duplamente assinalada. A primeira indicação recorda que entre eles não há solução de continuidade, visto que ambos fazem parte da mesma obra¹⁴⁵. Mas logo a seguir vem

136. *Inst.* 1, 1, 1.

137. *Inst.* 2, 9, 3.

138. *Inst.* 2, 1.

139. *Inst.* 3, 1.

140. *Inst.* 4, 1.

141. *Inst.* 4, 1.

142. *Inst.* 4, 23.

143. *Concl.* 20, 1, 1.

144. *Inst.* 4, 23: «pro libelli huius compendio»; *Inst.* 4, 30, 1: «coartat nos libelli modus ad finem tendere».

145. *Inst.* 5, 1: «quintus nobis iuuante deo liber iste procuditur».

a indicação precisa de uma espécie de *explicit* da primeira parte da obra em quatro livros «super institutis monasteriorum» e de um *incipit* da segunda parte em oito livros em que se trata do combate «aduersus octo principalia uitia». A divisão das duas partes é tão nítida que Cassiano introduziu aqui um novo prefácio abreviado ao subconjunto 5-12, apesar de existir um outro que precede e abrange todo o conjunto 1-12.

Neste prefácio reduzido Cassiano define a estrutura da segunda parte das *Instituições*, assegurando desta forma que a sequência dos livros que a constituem não seja alterada. O processo de que se serve é muito simples. São oito os vícios, oito são os livros que lhes correspondem. A ordem dos vícios é a que é indicada no prefácio. Basta, pois, que cada livro contenha uma referência ao vício de que trata para se saber automaticamente o lugar que ocupa dentro da obra. Assim, deixou de ser necessário que cada livro contivesse uma referência ao livro anterior, como vimos que sucedia nos primeiros quatro livros. Na segunda parte das *Instituições*, após a referência inicial, contida no prefácio abreviado, aos oito livros que se seguem, identificados pelo nome do vício de que tratam, só existe uma outra referência para cada livro no primeiro parágrafo de cada um deles. As expressões que são utilizadas contêm, além disso, o número de ordem do vício, o que imediatamente permite identificar o número de sequência do livro que lhe corresponde: «secundum aduersus spiritum fornicationis certamen est»¹⁴⁶, «tertius nobis conflictus est aduersus filargyriam»¹⁴⁷, «quarto quoque certamine est irae mortiferum uirus funditus eruendum»¹⁴⁸, «quinto nobis certamine edacis tristitiae stimuli retundendi sunt»¹⁴⁹, «sextum nobis certamen est, quod Graeci ἀρεδίαν uocant»¹⁵⁰, «septimum nobis certamen est contra spiritum νενοδοξίας»¹⁵¹, «octauum, quod extremum aduersus spiritum superbiae nobis certamen est»¹⁵². Na primeira parte da obra, em cada um dos livros, há sempre, além das referências internas ao próprio livro, outras referências que lhe são exteriores. Na segunda parte, além das contidas no prefácio breve, não há outras referências que não sejam interiores ao próprio livro a que se referem.

Mas qualquer que seja o processo, apesar de tudo mais seguro e transparente o que foi utilizado na segunda parte do que o que foi seguido na primeira, o objectivo final é o mesmo: assegurar que a sequência dos *uolu-*

146. *Inst.* 6, 1.

147. *Inst.* 7, 1.

148. *Inst.* 8, 1.

149. *Inst.* 9, 1.

150. *Inst.* 10, 1.

151. *Inst.* 11, 1.

152. *Inst.* 12, 1.

mina siga, na leitura e na cópia, a ordem que o Autor deu a cada livro. Tais precauções, observadas com tanto rigor, são indício, se não prova, de que o original das *Instituições* saiu das mãos de Cassiano em *uolumina* separados, não obstante constituírem um todo unitário, um *opus* ou *opusculum*, dividido em duas partes.

Sendo assim, as referências ambíguas assinaladas no primeiro dos quadros apresentados em apêndice inclinam-se com muita probabilidade para um referente seguro: *opus* e *opusculum* devem ser atribuídos a todo o conjunto 1-12; *uolumen* refere-se a cada um dos livros em que aparece citado. Fica-nos apenas a dúvida quanto ao referente de *institutiones*. Aparentemente refere-se também a todo o conjunto 1-12. Na verdade, porém, nada autoriza uma ilação tão apressada, tanto mais que as três ocorrências que assinalámos se referem a dois dos livros do primeiro subconjunto nunca a nenhum dos do segundo. Esta simples observação não deixará de revelar uma certa importância ao fazer-se a análise das referências a Cassiano em documentos peninsulares do séc. X.

7. TESTEMUNHOS DA FORMA DE TRANSMISSÃO MAIS ARCAIZANTE DAS «INSTITUIÇÕES»

Fixemo-nos por agora nos códices mais antigos que, segundo opinião de Petschenig, foram copiados entre os sécs. VII e IX. Entre estes merecem especial atenção o *Cassinense* 295, o *Augustodunense*, ambos do séc. VII, e o *Laudunense* 328bis, do séc. IX.

O título deste último é nitidamente composto por duas partes. Primeira parte: *Cassiani massilitani pr<e>s<biteri> libri de habitu monachorum et de canonico orationum atque psalmorum modo secundum egyptios unus institutum liber*¹⁵³. O título do primeiro livro é um cruzamento das duas expressões assinaladas no quadro nº 5: *ex ipso habitu monachorum / de habitu et amictu exterioris hominis*. O segundo e o terceiro são designados em conjunto com as palavras de Cassiano ligeiramente adaptadas para poderem servir de título. Também neste caso há cruzamento de duas expressões patentes no quadro nº 6: *modus canonicarum orationum psalmorumque / de canonicarum orationum modo*. O quarto livro apresenta uma designação estranha e injustificada. Nunca Cassiano se refere ao quarto livro com um *institutum liber*, como faz o *Laudunense*. E aqui é que está o cerne da questão. De fac-

153. Citado por Michael Petschenig, *Iohannis Cassiani de Institutis Coenobiorum* cit., pp. VIII e XVIII. O desenvolvimento de prs (= pr<e>s<biteri>) é da nossa responsabilidade.

to para Cassiano o termo *institutiones* designa o conjunto dos primeiros quatro livros, como atrás notámos. Por outro lado, no título com que aparece identificado o livro quarto aparece a palavra *institutio* no plural que está na base da confusão estabelecida pelo *Laudunense*. Ao começar a transcrever o título do seu modelo, o copista deparou com um *de habitu monachorum* (livro primeiro) e com um *de canonico orationum atque psalmorum modo* (livros segundo e terceiro), o que para ele fazia plenamente sentido. O que viria a seguir só por conjectura o podemos refazer, apoiados, no entanto, no facto de que os títulos dos livros anteriores são construídos a partir de fórmulas com que Cassiano se lhes referiu. Provavelmente, viria algo como *super instituendis renuntiantibus* (avalizado por Cassiano) e logo depois *libri quattuor, institutionum liber unus*. Em apoio desta conjectura, vem ainda a menção que Genádio faz da obra de Cassiano: «scripsit (...) de habitu monachi et de canonica oratione atque psalmorum modo, qui in monasteriis Aegypti die noctuque tenentur, libros quattuor, institutionum librum unum (...)»¹⁵⁴. A comparação desta fórmula com a do *Laudunense* sugere que ambas derivam de uma família de manuscritos lacunosa, de cujo título tinha desaparecido a referência ao livro quarto *super instituendis renuntiantibus titulatus*, como diz Cassiano. O que não impediu Genádio de transcrever *libros quattuor* (mudando-lhe apenas o caso para servir de complement directo a *scripsit*) quando de facto acabava de referir apenas três. Mas enquanto Genádio manteve fielmente o título como o lia, o copista do *Laudunense*, dando-se conta da incongruência, omitiu *libri quattuor* (os *libros quattuor* da fórmula de Genádio), fazendo assim com que *institutionum liber unus* (em Genádio *institutionum librum unum*) passasse a designar o quarto livro das Instituições. Esta alteração acabava por introduzir uma nova incongruência ao atribuir a especificação *liber unus* num título em que ela está ausente dos restantes livros, quando boas razões lhe assistiam para especificar com *libri duo* o *de canonico orationum atque psalmorum modo*. Mas era o melhor que se podia arranjar sem ter de alterar grandemente as palavras do título como se lia no modelo.

Feita tal adaptação, que deixou marcas na rasura que se segue a *institutionum*, o nosso copista passou a transcrever a segunda parte do título, *de origine et qualitate ac remediis octo principalium uitiorum libri octo*, que coincide exactamente (salvo no caso gramatical) palavra por palavra com o título dado por Genádio à segunda parte das *Instituições*. O que pode ser interpretado como uma confirmação de que ambos copiaram do mesmo modelo ou de um modelo idêntico.

¹⁵⁴. Citado por Petschenig, *Iohannis Cassiani de Institutis Coenobiorum* cit., p. X.

A expressão *librum unum* que indubitavelmente engloba *libros quattuor* é estranha e de origem duvidosa. Do que não há dúvida é que se aproxima do sentido actual de volume. Aventamos a hipótese de ela ter sido introduzida pelo primeiro copista que associou num só códice as *Instituições* até então repartidas por dois volumes, ou seja, por dois livros considerados como unidades materiais. Foi isso, e com uma certa razão, que nem os copistas posteriores nem Genádio entenderam.

As ilações que decorrem da análise destes elementos são da maior importância para a história da transmissão e da recepção do texto das *Instituições*. Em primeiro lugar vêm confirmar as conclusões a que chegámos ao estudar as referências de Cassiano à sua própria obra, e, ainda, que os livros 1-4 eram materialmente independentes dos livros 5-12, consignados em dois corpos separadamente. Esta seria a forma original da organização do texto que se poderia observar numa fase da transmissão próxima do arquétipo. Em segundo lugar vêm estabelecer que um ramo da tradição desde muito cedo reuniu num só corpo, códice com certeza, os dois conjuntos. Esse módulo era já uma realidade no tempo de Genádio. Nesta segunda fase da transmissão, e neste ramo da tradição manuscrita, havia ainda marcas evidentes da fase anterior posteriormente escamoteadas pelos copistas. Sirva-nos de exemplo o *Laudunense*. Todavia, noutros ramos da tradição, essas marcas desapareceram completamente para darem lugar a títulos simples e escorreitos como os do *Carolinubense LXXXVII* e do *Santalense 183*: «In hoc corpore continentur libri duodecim quos Cassiano auctore editos nouimus, id est de habitu monachi et de canonico nocturnarum orationum et de canonico diurnarum orationum <modo> et de institutis renuntiantium et de octo principalibus uitiiis». Estes dois códices de inícios do séc. IX mostram até que ponto as *Instituições*, reunidas num só corpo, foram perdendo a memória do seu estado original em certos ramos da tradição.

Ramos houve, porém, em que as *Instituições* se conservaram em dois corpos separados. Como demonstrou Petschenig¹⁵⁵, tanto o *Cassinense* como o *Augustodunense*, um de finais do séc. VI, o outro do séc. VII, continham apenas a segunda parte das *Instituições*. Mas como o primeiro destes códices é um palimpsesto reescrito no séc. X com as cartas de S. Jerónimo e o segundo está mutilado, não podemos fazer ideia do título que ostentavam. Mas a sua existência é de per si uma prova irrefutável da separação original do texto em dois corpos. Esta última foi uma das formas sob as quais o texto foi conhecido na península Ibérica. Sem dúvida a forma mais primitiva.

¹⁵⁵. Ibid., pp. XIII-XVIII.

Corria o ano de 936. A 15 de Março, S. Rosendo, juntamente com o bispo Ero, os abades Rodrigo e Anagildo, e o clérigo Sinaldo, faz uma doação ao mosteiro de S. João de Caaveiro, nestes termos:

donamus (...) et omnes libros (...) id sunt (...) explanatio zmaragdī, omeliarum, sententiarum, dialogorum, timologiarum, geruntiquorum, prosperi, prenosticorum, glosometarum, partem libri moralii usque in libro quinto, octo uicia, quaestionum, regula beati benedicti¹⁵⁶.

O *octo uicia* deste texto não pode ser senão a segunda parte das *Instituições*. Mas a que época pertenceria este manuscrito que assim aparece mencionado num documento dos princípios do séc. X? Provavelmente à mesma época do *Cassinense* e do *Augustodunense*, isto é, ao séc. VII.

Cerca de vinte anos mais tarde, a 30 de dezembro de 955, Sisnando, bispo de Santiago, e seu pai Hermegildo, fazem também uma doação, neste caso ao mosteiro de Sobrado, em termos idênticos à de S. Rosendo:

igitur offerimus libros antiphonarius duos integros atque perfectos, orationes II integros, manualium integrum, comitum integrum, passionum, psalterium cum psalmis canticis et himnis, hordinos II unum episcopalem et alterum minorem, precum, orarium in uno corpore; uitas patrum, sinonimarum, regularum, institutionum et octo uicia in unum¹⁵⁷.

Aqui de novo encontramos os *octo uicia*, mas desta vez *in unum* com as *institutiones* e outros textos monásticos.

Suficientemente claro para quem tinha diante de si os objectos doados, este documento suscita hoje algumas dúvidas de interpretação. Tomando-o à letra, o que Sisnando e seu pai doaram ao mosteiro de Sobrado foram dois códices identificados no texto citado pelas expressões *in uno corpore* e *in unum*. Um dos códices destinava-se ao uso litúrgico, pois continha dois antifonários, dois oracionais, um usual, um ritual, um passional, um saltério acrescido dos cânticos e hinos do ofício, um pontifical e um cerimonial simples. O outro destinava-se à formação dos monges, como se torna evidente pela descrição do seu conteúdo: vidas dos padres do deserto, sinónimos de S. Isidoro, uma colecção de regras, e, de Cassiano, as *Instituições* completas, que o notário faz questão em distinguir em *institutiones* (livros 1-4) e *octo uicia* (livros 5-12). Tanto num caso como noutro, cada códice devia ter um volume apreciável. Mesmo assim, o Prof. Díaz e Díaz é de opinião que o segundo conjunto formava um códice «que evidentemente no tenía desperdício ni dejaba nada que desear para una mejor for-

156. Texto citado por Díaz y Díaz, *Códices Visigóticos* cit., pp. 164-5.

157. Citado por Díaz y Díaz, *Códices Visigóticos* cit., p. 166.

mación de los monjes de aquel cenobio»¹⁵⁸. Estribados na estrutura do documento (*in uno corpore / in unum*) e na opinião de tal autoridade, damos por provado que *in unum* não se refere apenas a *institutionum et octo uicia*, mas sim a todo o conjunto de textos que acabamos de mencionar. É, pois, evidente que o segundo códice, constituído por uma amálgama de textos de proveniência e data diversas, refere separadamente os conjuntos 1-4 e 5-12, o que sugere que entre o livro quarto e o quinto havia um hiato suficientemente visível para justificar a sua designação em separado. Pode-se, é certo, rebater este ponto de vista com o argumento de que *institutionum et octo uicia* constituem um resumo de um título do género *De institutis coenobiorum et de octo principalium uitiorum remediis* que poderia constar no princípio do manuscrito, e que, sendo assim, não se pode sustentar que as duas partes das *Instituições* mencionadas no documento tenham existido separadamente. Mas este argumento, válido para uma época mais tardia, não encontra fundamentação nos manuscritos dos séculos VII a X, época a que remonta necessariamente a cópia dos textos de Cassiano consignados neste códice. Pelo contrário, temos indícios de que alguns códices que continham apenas os quatro primeiros livros das *Instituições* tinham por título um simples *liber institutionum*. Está neste caso o *Parisino nouv. acq. lat. 260* do séc. IX/X¹⁵⁹. Será neste sentido que devemos interpretar o *institutionum* que consta da doação outorgada por Mumadona ao mosteiro de Guimarães (26 de Janeiro de 959)¹⁶⁰ e ainda o *institutionum* de que faz menção o legado de Cixila ao mosteiro de Abelar (ano de 927)¹⁶¹? Devemos reconhecer que não temos dados suficientes para responder a tal pergunta. O facto de que *institutionum* aparece tanto no *Parisino 260* como na doação de Sisnando referido apenas aos livros 1-4, não autoriza senão uma simples probabilidade de que o mesmo termo seja usado, na mesma época, com o mesmo âmbito de referência na doação de Mumadona e na de Cixila.

Como quer que seja, tanto o *octo uicia* da doação de S. Rosendo como o *institutionum et octo uicia* do legado de Sisnando mostram que existia na Hispânia um ramo da tradição textual em que as *Instituições* de Cassiano formavam dois corpos separados. Às referências documentais apresentadas pode acrescentar-se como prova irrefutável o *Escorialense R. II. 7*, que nos fólhos 114r-118v contém extractos de Cassiano mas apenas das *Instituições* 5-12. Embora se trate de uma cópia do séc XIII, os extractos de Cassiano foram sem dúvida tomados de um modelo do tipo do que é mencionado

158. *Códices Visigóticos* cit., p. 216.

159. Cf. Petschenig, *Iohannis Cassiani de Institutis Coenobiorum* cit., pp. XXI-XXII.

160. Cf. Díaz y Díaz, *Códices Visigóticos* cit., p. 167.

161. Cf. Díaz y Díaz, *Códices Visigóticos* cit., p. 167 e 236-7.

na doação de S. Rosendo. Quando Pascásio de Dume, ou alguém não muito depois da sua época, deu à tradução dos *Apophtegmata Patrum* o subtítulo de *De octo principalibus uitiis* fê-lo, sem dúvida, sob a influência da leitura de um códice que continha, com este título, a segunda parte das *Instituições* de Cassiano¹⁶².

Ainda que de âmbito limitado, estas conclusões são importantes na medida em que nos permitem antever que tanto S. Martinho como Pascásio de Dume tiveram à sua disposição a obra de Cassiano, com uma grande probabilidade, dividida em 5 corpos independentes, a saber, livros 1-4 das *Instituições*, livros 5-12 das *Instituições*, *Colações* 1-10, 11-17 e 18-24.

162. Luís Ribeiro Soares, *A Linhagem Cultural de São Martinho de Dume*, Lisboa, 1963, pp. 185-6, nota 37, é de opinião que o título original dado por Pascásio à sua tradução é o de *Vitae Patrum*, designação com que é referida no prefácio. Ainda segundo o mesmo Autor, o título *Liber Geronticon, de octo principalibus uitiis* é posterior, datando da época em que se formou a compilação que engloba a tradução de S. Martinho e a de Pascásio. Para o caso que aqui nos interessa, baste-nos sublinhar que já o Códice 80 da Academia de História de Madrid, copiado pelos anos 830, se serviu de um modelo que continha o subtítulo *De octo principalibus uitiis: Incipit Liber Iheronticon de octo principalibus uitiis de graeco in latinum translatus (sic) a beato Paschasio* (f. 126r). Cf. Ribeiro Soares, *A Linhagem Cultural* cit., pp. 181-2.

APÊNDICE

QUADRO Nº 1

PASSO	TERMO	CONTEXTO	REFERÊNCIAS DE ATRIBUIÇÃO DUVIDOSA		
			«INSTITUIÇÕES»		
<i>Inst.</i> 2, 9, 2	<i>opus</i>	hoc opere	1-4	2	1-12
<i>Inst.</i> 1 Pr. 9	<i>opusculum</i>	opusculo huic	1-4		1-12
<i>Inst.</i> 4, 32	<i>opusculum</i>	opusculo huic	1-4	4	1-12
<i>Inst.</i> 5, 40, 1	<i>opusculum</i>	opusculo huic	5-12	5	1-12
<i>Inst.</i> 11, 17, 1	<i>opusculum</i>	huic opusculo	5-12	11	1-12
<i>Conl.</i> 20, 1, 1	<i>opusculum</i>	illius opusculi		4	1-12
<i>Inst.</i> 2, 18	<i>uolumen</i>	castigatum modum	1-4	2	1-12
		<i>uolumen</i> excedens			
<i>Inst.</i> 5, 35	<i>uolumen</i>	huic uolumini	5-12	5	1-12
<i>Conl.</i> 9, 1	institutiones	in secundo institutionum libro		1-4	1-12
<i>Conl.</i> 20, 1, 1	institutiones	in quarto institutionum libro	1-4		1-12
<i>Conl.</i> 20, 2, 2	institutiones	in quarto institutionum libro	1-4		1-12

QUADRO Nº 2 «INSTITUIÇÕES» 1-12

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Conl.</i> 1 Pr. 5	<i>opus</i>	superioris operis lectione
<i>Conl.</i> 1 Pr. 1	<i>uolumen</i>	in eorum uoluminum praefatione
<i>Conl.</i> 1 Pr. 6	<i>uolumen</i>	superiorum uoluminum
<i>Conl.</i> 1 Pr. 5	<i>liber</i>	prioribus libris
<i>Inst.</i> 2, 9, 3	<i>libellus</i>	hi libelli quos cudere disponimus
<i>Conl.</i> 1 Pr. 1	<i>libellus</i>	duodecim libellis
<i>Conl.</i> 11 Pr. 2	<i>libellus</i>	duodecim libellis
<i>Inst.</i> Pr. 3	[título]	instituta monasteriorum
<i>Inst.</i> 2, 9, 3	[título]	ad exterioris hominis obseruantiam et institutionem
		coenobiorum
<i>Conl.</i> 1 Pr. 5	[título]	ab exteriori ac uisibili monachorum cultu
<i>Conl.</i> 11 Pr. 2	[título]	instituta coenobiorum

QUADRO Nº 3 «INSTITUIÇÕES» 1-4

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 5, 1	<i>libellus</i>	quattuor libellos
<i>Inst.</i> 1, 1, 1	[título]	de institutis ac regulis monasteriorum dicturi
<i>Inst.</i> 4, 10	[título]	instituta cetera persequamur
<i>Inst.</i> 5, 1	[título]	super institutis monasteriorum
<i>Conl.</i> 1 Pr. 1	[título]	de institutis coenobiorum
<i>Conl.</i> 1 Pr. 7	[título]	instituta eorum tantummodo ac monasteriorum regulas

QUADRO Nº 4 «INSTITUIÇÕES»: PREFÁCIO

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 4, 10	praefatiuncula	sicut in praefatiuncula nostra facturos nos esse promissimus
<i>Conl.</i> 1 Pr. 1	praefatio	in eorum uoluminum praefatione

QUADRO Nº 5 «INSTITUIÇÕES» 1

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 1, 1, 1	[título]	ex ipso habitu monachorum
<i>Inst.</i> 2, 9, 3	[título]	de habitu et amictu exterioris hominis

QUADRO Nº 6 «INSTITUIÇÕES» 2-3

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 2, 1	[título]	modus canonicarum orationum psalmorumque
<i>Inst.</i> 2, 3, 5	[título]	orationum modum

<i>Inst.</i> 2, 9, 1	[título]	orationum canonicarum modum
<i>Conl.</i> 1 Pr. 1	[título]	de canonicarum orationum modo

QUADRO Nº 7 «INSTITUIÇÕES» 2

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 2, 9, 3	<i>liber</i>	huic tantummodo occursuri libro
<i>Conl.</i> 9, 1	<i>liber</i>	in secundo institutionum libro
<i>Inst.</i> 3, 5, 1	<i>libellus</i>	in superiore libello
<i>Inst.</i> 3, 1	[título]	de nocturno orationum et psalmodum modo

QUADRO Nº 8 «INSTITUIÇÕES» 3

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 4, 1	[título]	de canonico modo orationum atque psalmodum, qui debeat in diurnis conuenticulis per monasteria custodiri

QUADRO Nº 9 «INSTITUIÇÕES» 4

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 4, 23	<i>liber</i>	hic liber
<i>Conl.</i> 20, 1, 1	<i>liber</i>	in quarto institutionum libro
<i>Conl.</i> 20, 2, 2	<i>liber</i>	in quarto institutionum libro
<i>Inst.</i> 4, 19, 3	<i>libellus</i>	hoc libello
<i>Inst.</i> 4, 23	<i>libellus</i>	pro libelli huius compendio
<i>Inst.</i> 4, 30, 1	<i>libellus</i>	libelli modus
<i>Inst.</i> 4, 1	[título]	ad institutionem eius qui renuntiat huic mundo
<i>Inst.</i> 4, 23	[título]	de institutione eius qui renuntiat huic mundo
<i>Conl.</i> 20, 1, 1	[título]	super instituendis renuntiantibus

QUADRO Nº 10 «INSTITUIÇÕES» 5-12

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 12, 24	<i>libellus</i>	in singulis libellis
<i>Inst.</i> Pr. 7	[título]	principalium uitiorum origines et causas curatio- nesque
<i>Inst.</i> 5, 1	[título]	octo principalia uitia
<i>Inst.</i> 11, 17, 1	[título]	de impugnationum ui atque ordine uitiorum
<i>Conl.</i> 1 Pr. 1	[título]	de octo principalium uitiorum remediis

QUADRO Nº 11 «INSTITUIÇÕES» 5

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 5, 1	<i>liber</i>	quintus liber iste procluditur

<i>Inst.</i> 5, 41	<i>libellus</i>	libellum ieiuniorum et continentiae
<i>Inst.</i> 5, 1	[título]	primum gastrimargiae
<i>Inst.</i> 5, 41	[título]	libellum ieiuniorum et continentiae

QUADRO Nº 12 «INSTITUIÇÕES» 6-12

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 5, 11, 1	<i>libellus</i>	de quibus singillatim distinctis libellis suo loco disseremus

QUADRO Nº 13 «INSTITUIÇÕES» 6

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 6, 16	<i>libellus</i>	et licet ad finem libelli tendat oratio
<i>Inst.</i> 5, 1	[título]	secundum fornicationis
<i>Inst.</i> 6, 1	[título]	secundum aduersus spiritum fornicationis certamen est

QUADRO Nº 14 «INSTITUIÇÕES» 7

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 7, 13	<i>liber</i>	sed ne forte delapsus liber in manus eorum, qui in hoc proposito minus instituti uidentur
<i>Inst.</i> 5, 1	[título]	tertium filargyriae, quod intellegitur auaritia, uel ut proprius exprimatur, amor pecuniae
<i>Inst.</i> 7, 1	[título]	tertius nobis conflictus est aduersus filargyriam, quam nos amorem pecuniarum possumus appellare

QUADRO Nº 15 «INSTITUIÇÕES» 8

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 5, 8	[título]	quartum irae
<i>Inst.</i> 8, 1, 1	[título]	quarto quoque certamine est irae mortiferum uirus de recessibus animae nostrae funditus eruendum

QUADRO Nº 16 «INSTITUIÇÕES» 9

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> 5, 1	[título]	quintum tristitiae
<i>Inst.</i> 9, 1	[título]	quinto nobis certamine edacis tristitiae stimuli retundendi sunt

QUADRO Nº 17 «INSTITUIÇÕES» 10

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> , 5, 1	[título]	sextus acediae, quod est anxietas siue taedium cordis
<i>Inst.</i> , 5, 1	[título]	sextum nobis certamen est, quod Graeci <u>acedian</u> uocant, quam nos taedium siue anxietatem cordis possumus nuncupare

QUADRO Nº 18 «INSTITUIÇÕES» 11

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> , 5, 1	[título]	septimum cenodoxiae, quod sonat uana seu inanis gloria
<i>Inst.</i> , 11, 1	[título]	septimum nobis certamen est contra spiritum cenodoxias, quam nos uanam seu inanem gloriam possumus appellare

QUADRO Nº 19 «INSTITUIÇÕES» 12

PASSO	TERMO	CONTEXTO
<i>Inst.</i> , 12, 2	<i>libellus</i>	in posterioribus libelli huius
<i>Inst.</i> , 5, 1	[título]	octauum superbiae
<i>Inst.</i> , 12, 1	[título]	octauum, quod extremum, aduersus spiritum superbiae nobis certamen est

ABSTRACT

The *Institutions* of Cassian are generally recognised to be earlier than his *Collations*. This paper addresses the question of the system of cross-references between the two texts. It is possible that these are the product of a careful process of polishing and revision. However, it is argued here that they are rather to be seen as the sign of an attempt to impose unity on diverse materials produced at different times in response to the needs of the newly-founded monastic communities.

Arnaldo do Espírito Santo
 Universidade de Lisboa
 Centro de Estudos Clássicos
 arnaldo.esp.santo@gmail.com